

**MARCO AURÉLIO CUNHA: "FUTEBOL É DIVERSÃO COM RESPONSABILIDADE"**



# são paulo

a revista oficial do

**A seleção  
brasileira  
está com  
a cara do  
São Paulo**

**E MAIS**  
Thiago  
Alex Silva  
Lúcio  
Lenílson

Rogério Ceni e Mineiro são os representantes tricolores na Copa do Mundo da Alemanha

**Por onde  
anda o  
ex-zagueiro  
Oscar**

**Ricardo  
Oliveira  
volta aos  
campos**



Uma homenagem ao mestre **TELÊ SANTANA**

# A melhor seleção de Plasmas e LCDs LG para você assistir ao Mundial.



Plasma 50" 50PX5R\*



LCD - LP1R 42"/37"

141

O formato wide screen não é compatível com o padrão de transmissão, o que pode causar distorção.  
\*\*A base não acompanha o produto. Fotos ilustrativas. SAC: 0800 707 5454.

PRODUZIDO NO  
POLO TECNOLÓGICO  
DE MANAUS  
CONHEÇA A AMAZÔNIA

## A mais completa linha de Plasmas e LCDs do Brasil.

1 - Memory slot: compatível com até 9 cartões de memória, praticamente todos disponíveis no mercado. 2 - Acabamento luxuoso, com detalhes em "black piano". 3 - 7ª Geração de Plasma. 4 - Plasma 71": a maior do mundo, disponível no Brasil. 5 - HDTV Ready. 6 - Conexão HDMI: com um único cabo, transmite sinais de áudio e vídeo com qualidade digital. 7 - A linha mais completa de TVs do mercado de 15" a 42". 8 - TV LCD com DVD embutido: exclusividade LG. 9 - Design LCD premiado internacionalmente pelos institutos IF Design e Reddot. 10 - Maior ângulo de visão da categoria de TVs LCD. 11 - Menor tempo de resposta da categoria de TVs LCD.

As características não são compatíveis a todos os modelos. As TVs HDTV Ready necessitarão de decodificador quando o sinal digital estiver disponível.



Plasma 71" - MW-71PY10\*\*  
(também na versão Gold)



Plasma 60" 60PY2R



Plasma 50" 50PX5R\*



Plasma 42" 42PX4RV-MC\*



LCD - LX2R\* 32"/26"



LCD 23" - 23LX1RV  
(DVD embutido)



LCD - LC1R\* 20"/15"



LCD 17" - KP-17LZ21  
(DVD embutido)





**forbex**  
GRAMA SINTÉTICA



**ANTES**

**Isso é que é ter  
uma vantagem visível.**

**Ou vai tentar me  
convencer que antes o campo  
era mais bonito?**

**Já as outras vantagens  
você sente no bolso.**

**Futebol Profissional    Futebol Society**

**Tênis    Hóquei    Golf**

**Residencial    Escolar**

Rua Bartolomeu Paes 508  
Vila Anastácio CEP 05092-000  
São Paulo - SP - Brasil  
\*\* Tel/Fax: (011) 3835-9555

[www.forbex.com.br](http://www.forbex.com.br)

## REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente da Diretoria Executiva  
Juvenal Juvêncio

Presidente do Conselho Deliberativo  
Ademar de Barros

Presidente do Conselho Consultivo  
José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal  
Edison Richelmo Zago

### EXPEDIENTE

Revista Oficial do São Paulo  
Diretoria de Comunicações

Diretor Responsável

Jorge dos Santos Afonso

Jornalista Responsável

Cinthia S. Gagliardi Tedesco Mtb 29875

Editor

Carlos Mesquita

Reportagem

Fernando Savaglia e Ana Paula Andrade

Colunistas

Afonso Renato Meira, Guaracy Souza  
Sampaio e Paulo Planet Buarque

Colaboração

Alessandro Gonçalves, Denis Moreira,  
Eduardo Marques, Felipe Espíndola,  
Juca Pacheco, Rafael Furugen  
e Raul Snell Jr.

Fotógrafo

Rubens Chiri/Perspectiva

Imagem de capa

Rubens Chiri

Arte

André Cavallini, Celso Andrade, Daniela  
Salvador, Diego Marcato, Marcelo Campos,  
Rogério C. Macadura e Tânia Martins

Ouvidor

José Alfredo Madeira Simões  
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo

Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01

Cep 05653 - 070

Telefone 0xx11 3749-8000

(Publicação Bimestral)

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda

Fone: (0xx11) 2141-2770

Impresso pelo processo  
direct-to-plate por  
Ultraprint Impressora Ltda



# Índice

## 06 Imagens

Toda a vibração de Souza

## 08 Entrevista

Marco Aurélio Cunha: inteligência com bom humor

## 12 Telão

O São Paulo na imprensa

## 16 Bate-bola

Ricardo Oliveira em grande estilo

## 20 Especial

Lenílson, o destaque do Campeonato Paulista, é tricolor

## 22 Homenagem

As lições de Telê Santana, o "Mestre" do futebol

## 28 Capa

Rogério e Ceni e Mineiro, os representantes  
são-paulinos na Copa/2006

## 32 Por Onde Anda

O ex-zagueiro Oscar Bernardi

## 34 Perfil

Por que Thiago Ribeiro é um craque à moda antiga

## 36 Destaque

Conheça o beque Alex Silva

## 38 Escolas Licenciadas

O São Paulo mudando conceitos

## 40 Jogos

Paulista, Brasileiro e Libertadores

## 44 Notícias

Ranking da IFFHS, Sub-15 campeão, Show da Paz, Lúcio, Sundaco...

## Crônicas

Agnelo Di Lorenzo (44), Paulo Planet (45),  
Ademar de Barros (47) e Guaracy Sampaio (50)



# REFORÇOS, NOVO PRESIDENTE, CONVOCAÇÕES...

Enquanto o mundo se preparava na poltrona para acompanhar confortavelmente o início de toda a movimentação em torno da Copa do Mundo da Alemanha, o São Paulo estava em eferescência. Em abril, o clube viveu clima de eleições, das quais Juvenal Juvêncio saiu presidente – aliás, a partir de agora, como você já percebeu, ele passa a assinar o editorial ao lado.

Houve, porém, mais acontecimentos. Durante os últimos meses, o futebol profissional tricolor foi destaque na mídia. Ricardo Oliveira fechou com o São Paulo e voltou aos gramados depois de fazer tratamento no Reffis. O lateral-esquerdo Lúcio – sim, o do Palmeiras – aportou no Morumbi envolvido numa troca: Roger foi, ele chegou. No Campeonato Brasileiro, até o fechamento desta edição, o clube estava entre os primeiros da tabela. Na Libertadores, passou para a fase de quartas-de-final. Apesar de ter perdido para o Estudiantes, na Argentina, a equipe, em casa, tem tudo para dar o troco.

A única notícia que muito entristeceu a nação tricolor foi a do falecimento do mestre Telê Santana, que, aos 74 anos e depois de construir uma carreira brilhante, partiu. Mas, como disse Renê Santana, seu filho, foi com o dever cumprido. Em nossas páginas, você pode conferir um pouco da personalidade de Telê e parte da história do treinador que comandou aquele São Paulo supercampeão do início da década de 1990.

Por outro lado, uma das notas que mais alegraram a nação tricolor teve a ver com, adivinha, Copa do Mundo. A tal lista do técnico causou a ansiedade de sempre. E, em 15 de maio, os são-paulinos que tanto clamaram por Rogério Ceni na seleção foram atendidos. O goleiro-artilheiro foi relacionado. Festa!

Ainda faltava a cereja do bolo. Seguindo o roteiro que já vimos em outros mundiais, um atleta machucou-se em cima da hora. O ex-são-paulino Edmilson teve um problema no joelho direito que o impossibilitou de continuar com a delegação. Para o lugar dele, Parreira não cochilou. Premiou um atleta que não poderia deixar de estar lá: Mineiro. Novamente, festa no Morumbi.

A **Revista Oficial** parabeniza Rogério Ceni e Mineiro e lhes deseja toda a sorte do mundo. Na próxima edição, esperamos estar ainda mais felizes, fazendo entrevistas, quem sabe, com hexacampeões. Boa leitura!

# Editorial

E o desafio continua

Depois de alguns anos, retorno com prazer e empolgação à presidência do São Paulo Futebol Clube. No entanto, durante o tempo que separou meu primeiro mandato do pleito que me pôs na posição que ocupo agora, realizado em abril último, nunca, como legítimo são-paulino, afastei-me da vida do Tricolor do Morumbi. Em 2003, voltei à Diretoria de Futebol com a honesta intenção de ajudar o presidente Marcelo Portugal Gouvêa a conquistar títulos. Aos poucos, atingimos com muito suor nossas metas. Após começarmos todo esse processo montando plantéis competitivos, continuamos pelo caminho que havíamos traçado. Nosso objetivo maior, evidentemente, eram as conquistas que consumamos em 2005. Para chegarmos àquele ponto, houve um planejamento maiúsculo que cumparamos sem que, por nenhum segundo, desviássemos do foco. É por isso que, enquanto todo mundo viu grandes clubes rivais se afundarem em crises sérias, o que é ruim para o futebol brasileiro sobretudo, o São Paulo desenvolveu-se a passos largos. Afora os fantásticos títulos que engrandeceram nosso nome perante o mundo da bola, nosso patrimônio cresceu, assim como o orgulho de ser são-paulino.

Chego aqui exatamente com esse espírito, imbuído no desejo de dar prosseguimento aos planos já elaborados para que o São Paulo atinja a meta de ampliar ainda mais seus horizontes, tanto no futebol, nosso carro-chefe, quanto nas outras áreas que compõem sua pluralidade. Temos muitos projetos em mente. Reestruturaremos vários setores, concluiremos nossas obras, como as do CFA Laudo Natel, e contrataremos jogadores. Nosso elenco profissional, aliás, embora a queda de braço com clubes endinheirados do exterior seja grande, mantém-se entre os mais fortes do Brasil. Tenham certeza de que assim perdurará, pois é nossa pretensão. Estamos firmes no Campeonato Brasileiro, por pouco não ganhamos o Paulista - apesar de termos vencido todos os clássicos -, estamos concentrados na Libertadores - nossa especialidade - e ainda cedemos Rogério Ceni e Mineiro - enfim, justiça foi feita - à seleção brasileira.

O clube vive um momento de graça e, para que continue nesse caminho, terá muito trabalho pela frente. Oxalá sigamos em paz, para que possamos ter forças a fim de fazer o melhor por essa imensa nação tricolor!

Abraço,

*Juvenal Juvêncio*

**Juvenal Juvêncio**  
Presidente do São Paulo  
Futebol Clube

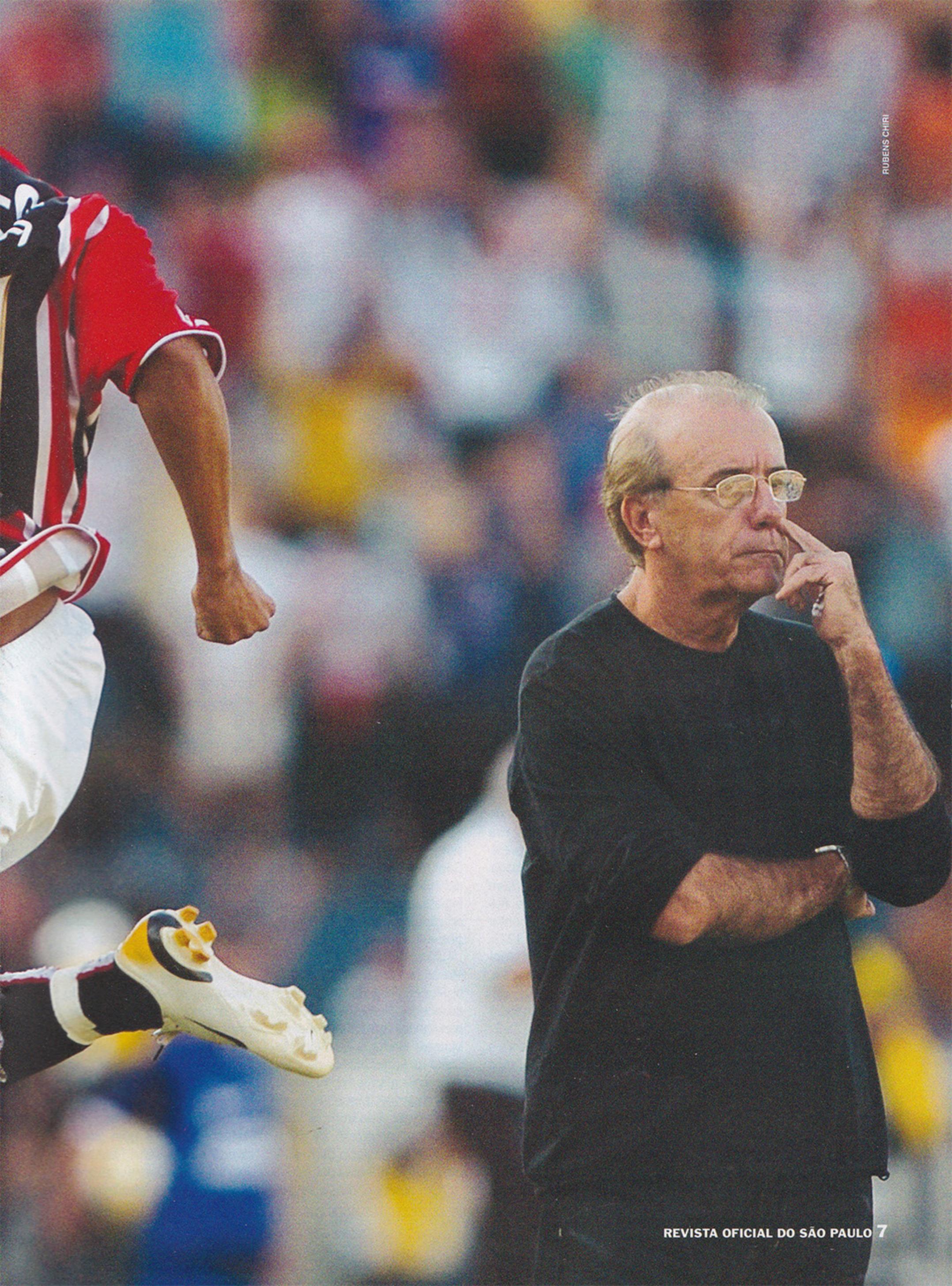


# Imagens

A soccer player is shown from the back, celebrating with his right fist raised. He is wearing a black jersey with red accents and white shorts. The jersey has 'SOU' and '21' visible on the back, along with a Reebok logo. The background is a blurred stadium filled with spectators.

## QUE FASE!

Nos últimos anos, São Paulo e Corinthians têm feito excelentes jogos e, conseqüentemente, elevado o embate, sempre encarado com grande rivalidade, ao patamar dos antigos clássicos entre as agremiações. Em 7 de maio, mais uma vez os clubes se cruzaram em partida válida pelo Campeonato Brasileiro. Apesar do equilíbrio inicial, com chances de gol para ambos os lados, o Tricolor venceu por 3 a 1. Foi, entretanto, o Alvinegro do Parque São Jorge que abriu o placar, aos 21 minutos. Aos 39, Souza empatou. Na foto, ele aparece comemorando o tento perto do então técnico corintiano Ademar Braga. Na etapa complementar, mais emoção. Os adversários retornaram com vontade, mas o São Paulo foi novamente mais eficiente. O Tricolor conteve, pelo menos, três investidas corinthianas para ampliar o placar. Aproveitando cruzamento de Leandro, Alex Dias balançou as redes. A torcida ainda vibrava quando Lenílson, também servido por Leandro, fez, de cabeça, o terceiro. Era o golpe de misericórdia. Vale lembrar o torcedor que o São Paulo não perde para o Alvinegro desde 2003. De lá até aqui, foram sete vitórias e três empates.



RUBENS CHIRI

**Bem-humorado, MARCO AURÉLIO CUNHA afirma que trabalhar com futebol é uma diversão, mas séria. No dia-a-dia, manter o ambiente descontraído para driblar a pressão é sua marca registrada**

FOTOS RUBENS CHIRI



# A vida na esportiva

Por Carlos Mesquita

O médico ortopedista Marco Aurélio Cunha, superintendente de Futebol do Tricolor, é um privilegiado. Afinal, realizou-se profissionalmente juntando suas aspirações maiores. Quando criança, tornou-se são-paulino por influência do pai. Passou a acompanhar o time nos estádios na condição de que tirasse boas notas no colégio. Aos 11 anos, decidiu que partiria para a medicina e, por gostar de futebol, tinha a convicção de que queria exercer a futura profissão em seu clube predileto.

Se o objetivo mais soava como um sonho de criança com desfecho impossível, aos poucos foi ganhando corpo.

Ao entrar na faculdade, teve aulas com um professor que conhecia bem o Tricolor. Era José Douglas Dallora, presidente do São Paulo à época. Por meio dele, ainda que sem pretensões sérias, Marco Aurélio começou a frequentar o clube. Até que, em 1979, surgiu uma vaga no departamento de Futebol Amador. Ali, iniciaria uma história que, em breve, renderia muitos frutos à agremiação paulista.

Na década de 1980, com a morte do doutor José Carlos Ricci, médico responsável pelo futebol profissional, Marco Aurélio assumiu o posto, promovido por Carlos Miguel Aidar, então presidente. A partir dali, deu o pontapé inicial na reformulação da medicina são-pau-

lina. Chamou para o time que estava formando o fisiologista Turíbio Leite de Barros e o fisioterapeuta Luiz Rosan. E o São Paulo, com esse material humano, despontaria em alguns anos como uma das principais potências da medicina aplicada ao futebol.

Durante a década de 1990, Marco Aurélio deixou o Morumbi. Rodou por times do Brasil e do exterior. Retornou em 2002, convidado pelo mandatário Marcelo Portugal Gouvêa. No posto de superintendente desde aquele ano, tem procurado minimizar as pressões com bom humor. Sua fórmula para manter o ambiente descontraído é privilegiar o bom relacionamento entre as pessoas.

“Ser solidário, dividindo ale-

grias e dificuldades, gera um resultado de convivência muito saudável”, acredita. “Isso aumenta a capacidade de vencer e de suportar o estresse que é o futebol”, completa Marco Aurélio, que, na seqüência, conta um pouco de sua vida, suas histórias e seus conceitos.

**Ao chegar ao CT, vi exposta no mural uma foto do senhor com a camisa da Argentina. Mudou de time?**

Foi mais uma brincadeira. Como sou bem-humorado, estão sempre querendo fazer alguma coisa comigo para dar o troco. Procuo manter esse clima. Trabalho, afinal, é uma grande diversão, mas séria. Não pode ser obrigação. Deve ser prazeroso e proporcionar felicidade.

**De que forma nasceu a história do senhor com o time do Morumbi?**

Meu pai me fez são-paulino. Eu tinha 5 ou 6 anos. Ele me falava do clube e me levava aos jogos cobrando boas notas. Era a recompensa. Apesar de ter sido uma coisa familiar, sempre tive o sonho de ser o médico do Tricolor. Aos 11 anos, já dizia isso. Então sempre busquei a possibilidade de frequentar o São Paulo e, quando entrei na faculdade de Medicina, houve uma coincidência grande, pois tive aula com o doutor Dalloira, que era presidente do São Paulo. Como ele se afeiçoou a mim, passamos a almoçar às quintas-feiras. O doutor Dalloira afirmava que eu possuía o perfil e acabou me conduzindo ao Departamento Amador em 1979, quando abriu uma vaga. Devo muito a ele. A partir daquele momento, passei a me dedicar mais. Na época, o doutor Ricci, médico do profissional, me aconselhou a fazer ortopedia. Eu fazia clínica. O São Paulo me esperou terminar a residência. Ainda fiz medicina esportiva na USP e, depois, na Escola Paulista.

**A ascensão do senhor ao Departamento Profissional aconteceu quando doutor Ricci morreu. Certo?**

Costumo dizer que a oportunidade veio de forma triste, porque o doutor Ricci adoeceu e morreu. O doutor Carlos Miguel Aidar, na época presidente, me promoveu ao profissional numa geração em que todos subiram do amador. Era a fase dos Menudos do Morumbi, entre 1984 e 1985, com Silas, Müller, Vizzoli, Sydnei. Um pouco antes, eu havia cuidado do Careca, que teve um problema sério, ainda nas categorias de base. Os jogadores se identificavam comigo. A mudança que ocorreu na estrutura do futebol do São Paulo foi completa. Começamos a criar coisas mais modernas. Eu ti-

nha saído de todos os cursos de especialização, era jovem e estava animado, empolgado, querendo fazer tudo da melhor maneira para meu clube. Tinha me dedicado àquilo. Era o sonho da minha vida. O Carlos Miguel estava com 30 e poucos anos e acreditava no potencial dos jovens. Aquela foi a grande oportunidade para nos desenvolvermos cientificamente. As pessoas que entraram no São Paulo naquela época tinham a proposta de fazer um trabalho diferenciado. Daquilo, surgiu a equipe multidisciplinar. O Rosan veio comigo naqueles tempos. Era um fisioterapeuta que fazia estágio cujo trabalho eu admirava muito. Então eu o convidei. O professor Bebeto de Oliveira, atual coordenador das categorias de base, era um preparador físico identificado com ciência e evolução. Trouxe também o professor Turíbio da Escola Paulista de Medicina, que fora meu professor na faculdade. Era jovem, talentoso, brilhante. Foi desse começo comigo, o Turíbio, o Rosan e o professor Bebeto que conseguimos fazer o projeto de um São Paulo moderno, científico, com um futebol mais avançado e inúmeros parâmetros de avaliação.

**As pessoas falam da infra-estrutura da medicina esportiva do clube, mas se esquecem de frisar a importância do material humano nesse desenvolvimento. A qualidade dos profissionais é a parte mais importante?**

Sem dúvida. Não adianta comprar equipamento se não houver quem o opere. Muito se erra na busca de tecnologia cuja aplicação ninguém sabe. Recebemos aqui gente com propostas de aparelhos avançados, mas, ao mesmo tempo, impróprios, já que o rendimento daquilo no futebol não faz diferença. O custo-benefício é baixo. Nesse momento, cabe ao profissional do clube definir as necessidades. Na década

de 1980, estabelecemos os parâmetros que tínhamos de seguir. Sabíamos o tipo de situação que deveríamos criar para que o São Paulo evoluísse. O Reffis hoje talvez seja o melhor centro de reabilitação do País. Em futebol, porém. Se trabalhássemos com basquete, ele seria diferente. Os conceitos variam conforme o esporte. A propósito, atualmente é mais apropriado falar em medicina da especialidade esportiva. Para mim, medicina esportiva é um termo ultrapassado, pois cada esporte tem uma tecnologia, uma aparência, uma necessidade, um controle de aplicação técnica, uma evolução própria. Como nós, brasileiros, conhecemos futebol, somos superiores à Europa na modalidade. No entanto, em atletismo não somos. A ginástica brasileira é prova do que estou falando. Não era nada até trazer o técnico Oleg (*Ostapenko*), que é ucraniano. No São Paulo, isso só foi possível graças aos anos de experiência e à aplicação voltada para essa finalidade.

**Foi a aplicação desse conceito que permitiu a recuperação rápida de Josué, Aloísio e André Dias para a partida contra o Estudantes, na Argentina, em 10 de maio, sendo que, três dias antes, eles tiveram problemas físicos no clássico contra o Corinthians?**

Esse foi um grande sistema de prevenção de lesões. Já tínhamos dito aos atletas que haveria partidas importantes numa seqüência forte, o que poderia gerar alguma dificuldade. Mas os três, orientados, pediram para sair no momento certo e, com isso, recuperaram-se a tempo para o jogo da Argentina. Tirando o André, com um trauma, os outros dois tiveram contusões intrínsecas, que são sensações musculares de desconforto e dor. Elas podiam levar a lesões sérias. É por isso que é

fundamental explicar ao atleta o quadro dele. Muito se fala, aliás, que os jogadores são ignorantes. Mas eles são extremamente inteligentes. Basta passar-lhes a informação para que mostrem sua inteligência. Durante nossos trabalhos, procuramos norteá-los para que tenham a possibilidade de se prevenir. Essa é uma visão que adquirem aqui.

**Se, por um lado, o futebol brasileiro, principalmente o do São Paulo, atingiu esse nível de excelência, por outro está numa situação pouco confortável, em que estádios ficam cheios de lugar vazio e nossos craques partem para o exterior muito cedo. Que fatores podem alterar esse panorama positivamente?**

Criou-se uma cultura de que o jogador tem de atuar na Europa. Mas há países que remuneram mal. O glamour de ir para fora e a possibilidade de um segundo contrato extraordinário terminam fazendo os atletas trocarem o Brasil por esse sonho. A Espanha paga bem a poucos. No geral, chega próximo do que o Brasil paga a uma estrela. O valor financeiro existe para alguns. A maioria salta em salários de maneira apenas relativa. Às vezes, o pessoal tem dificuldades de ambientação, além de sofrer com uma porção de outras coisas, como o custo operacional, os impostos, a vida cara e a falta de cobertura que damos aos brasileiros, quase personalizada. Tantos problemas são criados que inúmeros voltam. Em vários casos, o atleta imagina que será de um jeito. Na prática, entretanto, não funciona daquela forma. O estrangeiro lá fora é um entre tantos. A visão de que a Europa é um paraíso é ilusão. Até pode ser, mas para poucos.

**De que maneira deve-se combater essa situação?**

Esse êxodo não vai terminar. É preciso dar aos clubes

a chance de fazer contratos mais longos com os jogadores formados na base. O tempo estipulado hoje é de cinco anos. Mas o primeiro contrato deveria ser ampliado de cinco para sete, considerando dois como formação. Dessa maneira, teríamos mais condições de competir. Um goleiro começa a destacar-se com 18 anos, idade em que se profissionaliza. Entretanto, com um contrato de cinco, aos 23 ele fica livre. O Rogério Ceni assumiu a titularidade em 1997 na faixa etária em que poderia negociar com outros clubes. Deveria existir uma maneira legítima de prender os jogadores.

**Nessa conjuntura, em que momento os dirigentes erraram?**

Não acreditaram na Lei Pelé. Todos sabiam que ela chegaria. Ninguém, porém, preparou-se. O São Paulo foi um dos poucos. E, mesmo assim, perdeu jogadores importantes em virtude dela. Por outro lado, contratou outros na mesma moeda. O Tricolor ficou sem uma defesa inteira. Foram embora Gabriel, Jean, Júlio Santos e Gustavo Nery, além dos volantes Fábio Simplício e Alexandre. Mas trouxe Cichinho, Fabão, Rodrigo, Grafite, Danilo, Júnior, Josué, Mineiro e Amoroso. O clube fez isso dentro da lei, que é tão boa quanto ruim. Os clubes não estão preparados para fazer a gestão dela. Atrasam salários,

não depositam o fundo de garantia e ainda culpam os jogadores que entram na Justiça. Assim, vem uma corrente de ações, às vezes não legítimas, já que as agremiações erram tanto que os atletas tentam buscar os direitos via empresários, que procuram resolver o problema negativamente.

**A figura do dirigente profissional pode ser uma das soluções?**

Acredito que sim. A grande dificuldade é a política interna de clubes em que o presidente chega ao posto sem ter passado por aprendizado algum. E quem não tem vivência ouvirá parceiros que também não entendem. Em certos casos, o poder apenas assiste a jogos e comenta resultado, mas não presta atenção no trabalho. Quando se observa o treinador, por exemplo, ele até pode perder. No entanto, sabe-se que o investimento está sendo feito em alguém com conteúdo. Agora, quando o dirigente analisa somente os números finais do jogo, sem jamais ter entrado num vestiário, corre o risco de tornar-se aquele que tira, troca, põe, manda embora e faz o caos financeiro. Aliás, uma das coisas que estragam a vida do clube são as rescisões de contrato.

**Para piorar, o dirigente, às vezes, não admite nenhum tipo de sugestão, como certos técnicos.**

É por esse motivo que fica difícil profissionalizar. Ele não confia em alguém de fora da própria comunidade. O dirigente pensa mais ou menos assim: "Pô, esse sujeito vai mandar em mim?". Quando vai ao médico, ele ouve a opinião profissional. Quando traz alguém de uma área específica, porém, não dá atenção. Afinal de contas, ele também entende de futebol. E simplesmente pelo que vê. Isso é insuficiente, uma vez que o dirigente não passou por todas as seqüências do futebol.

**Como o São Paulo conseguiu desenvolver-se de maneira totalmente oposta a esse modelo?**

Primeiro, porque existe alternância no poder. O presidente tem dois anos de mandato com direito a uma reeleição. A cada quatro anos, 80 conselheiros são eleitos. O restante é composto por vitalícios. Eles vão sendo postos pelo que fizeram pelo clube. É uma forma saudável de renovação que faz o São Paulo ter uma oposição justa, correta e uma situação preocupada em realizar o melhor. Além disso, a presidência e as diretorias realmente ouvem seus profissionais, o que é um diferencial fundamental no Tricolor. Embora as comissões tenham seu trabalho setorizado, todo mundo possui seu poder de decisão. O presidente respeita muito isso. Ele ouve e aconselha determinadas posturas. Aqui, o profissional tem respaldo e o futebol é tratado de maneira especial.

**Numa recente entrevista a Wanderley Nogueira, o senhor disse que o futebol no Brasil sofre por não ter um departamento de Recursos Humanos. De que forma deve-se desenvolvê-lo?**

Buscando perfis de qualidade. Se uma pessoa tem dificuldade para relacionar-se, embora seja competente, precisará melhorar. Apesar da

inteligência, se ela não possui essa facilidade, será improduti-va. No futebol, é muito comum lidar com adversidades internas. Até faço uma palestra a respeito desse assunto chamada Gerenciando Dificuldades. Nela, falo de fatores que temos de vencer antes de jogar. Começa no fato de que, num grupo de 30, apenas 11 são escolhidos. Isso é uma competição enorme. Depois, existe uma outra, dentro dos parâmetros, do treinador com o grupo. Ele tem de impor-se e escolher, o que também gera conflito.

**E isso não é tudo...**

A mídia compete com o clube em relação aos resultados de vitória ou derrota. Ou ela enaltece ou critica demais. Existe também torcedor que ama e ofende na mesma proporção. Há todas essas adversidades internas para vencer. Apenas depois de superar tudo isso, o time sai para jogar com seu inimigo. Costumo dizer sempre que a capacidade de diminuir - ou vencer - os conflitos internos é uma vantagem invisível no jogo de futebol.

**Quando São Paulo e Palmeiras enfrentaram-se pela Libertadores, o clima deve ter chegado a esse ponto.**

Aquilo gerou dificuldades enormes no jogo. É nesse aspecto que entra a relação humana. Geralmente, os treinadores são todos inseguros. Dirigir um São Paulo ou um Corinthians, afinal, não deve causar nenhum tipo de conforto. O técnico não quer interferência, quer apoio. Algumas vezes, entretanto, alguém precisa dizer certas coisas a ele, que, por causa do ego, não admite. A melhor forma de falar é sendo solidário e parceiro. Passar a mensagem metaforicamente é outro jeito delicado. Tudo isso se enquadra no departamento de Recursos Humanos. A maneira de relacionamento é fundamental para que aconteçam vitórias.

“  
**O Levir Culpi fala que futebol é muito bom, o que estraga é o jogo (risos)**  
”

**O senhor saiu do São Paulo em 1990 e foi para o Bragantino de Vanderlei Luxemburgo que disputou o título do Brasileiro em 1991 com o Tricolor. Para quem, afinal de contas, torceu naquela final?**

Naquela época, trabalhei com Vanderlei Luxemburgo. Fui campeão no Bragantino em 1990 e vice-campeão brasileiro em 1991. Aquela situação foi muito difícil. Tanto que, quando o Tilico fez o gol, correu na minha direção para me abraçar. Tentei disfarçar. É claro que eu queria ganhar aquele jogo. Era meu papel profissional. Mas, ao mesmo tempo, sentia uma dor muito grande por não estar do outro lado.

**O senhor pensou que poderia perder o emprego?**

Sim (*risos*). O Marquinhos Chedid (*dirigente do Bragantino*) me olhava de canto de olho para ver qual seria minha reação. É claro que eu queria que o Bragantino ganhasse, mas, no fim, fiquei feliz com a vitória do São Paulo. Já tínhamos perdido mesmo, melhor que fosse para o Tricolor. Ali, diga-se de passagem, começou a história do bicampeonato da Libertadores e do Mundial. Se o clube não tivesse vencido o Bragantino, não faria a história que fez.

**Depois disso, o senhor passou por uma porção de clubes.**

Fiquei no Guarani durante dois anos e foi muito legal. O time ganhou uma Taça São Paulo e revelou jogadores como Amoroso, Luizão e Djalminha. Depois, fui para o Japão. Trabalhei no Reysol, que subiu para a Primeira Divisão com o Zé Sérgio no comando - hoje, ele é treinador das nossas categorias de base. Ainda no Oriente, trabalhei no Verdy Kawasaki, melhor equipe japonesa na época. Retornei ao Brasil para ser dirigente profissional do Coritiba, cargo

em que permaneci durante um Campeonato Brasileiro. Em 1994, aceitei a proposta de ser consultor médico da Parmalat. Três anos depois, elaborei um projeto para o Santos, onde reencontrei o Vanderlei Luxemburgo. Os dirigentes queriam remodelar o clube, que estava muito provinciano. Sinto-me responsável pela mudança que eles tiveram. Imediatamente, a equipe sagrou-se campeã do Rio-São Paulo e da Conmebol, em 1998, com o Leão. Após isso, veio a geração de Robinho e Diego, que me matou aqui em 2002 (*risos*), quando voltei ao São Paulo. Passei pelo Figueirense. Lá, foram dois anos. Ainda colaborei com o Avaí por seis meses. Também participei de algumas seleções brasileiras de divisões de base, além de ter sido médico da Jamaica na Copa do Mundo de 1998.

**Uma vez, ouvi o senhor dizendo que trabalhar com futebol é uma diversão. Mas tem gente que o encara de forma tão séria que ele termina virando caso de polícia e outros que se divertem demais estando em cargos importantes. O que o senhor pensa dessa falta de equilíbrio?**

Futebol é diversão com responsabilidade. As pessoas vão para o clube para distrair-se. Mas não podem incorporar o resultado do time. Independentemente de ficarem contentes, eufóricas ou tristes, devem cumprir o papel social que têm. Precisam separar o que é esporte do que é compromisso. Sou muito feliz de trabalhar com o que gosto. É divertido e profissional ao mesmo tempo. O Careca dizia que a carteira profissional era mero acidente. Até hoje joga por prazer. Para ele, receber pelo que fazia era uma coincidência feliz. Sinto-me na mesma condição, embora não seja atleta. Sou um privilegiado. Aliás, o Levir Culpi (*técnico*) fala que futebol é mui-



**BAGAGEM VASTA**  
Marco Aurélio acumula experiências vividas em clubes do Brasil e do exterior

to bom, o que estraga é o jogo (*risos*). Há muita preocupação com as partidas. Se não fosse isso, seria maravilhoso (*risos*).

**O senhor disse que sua mãe é uma intelectual. Ela entendeu sua opção em trabalhar com futebol?**

Nunca (*risos*). Ainda não entende. Ela fala que não pode imaginar como estudei tanto para trabalhar com futebol. Minha mãe acha que essa é uma mistura que não tem muito a ver. Já meu pai, falecido no ano passado, foi meu primeiro incentivador. Era meu grande companheiro. Ele vibrava e me dava força. Sempre me lembro dele. Minha mãe é uma mulher culta, inteligente, filósofa, doutorada. Meu pai era um homem da vida, mas sempre achei que a intuição dele foi

mais importante para mim do que a sabedoria dela (*risos*).

**Daqui a pouco, o mercado europeu estará em eferescência, o que significa um perigo aos clubes brasileiros...**

Ao São Paulo especialmente, porque vão pegar o campeão do mundo, o melhor time do Brasil. Não vão atrás da equipe que perdeu ou caiu.

**Já houve alguma sondagem?**

Não. Mas haverá. É bom que todo mundo entenda esse processo como fator natural. Temos a obrigação de repor isso da maneira como fizemos ao longo desses anos. Perdemos alguém importante, lamentamos e trazemos outro da mesma envergadura.

**“Na hora do adeus, todos o reverenciavam como um exemplo de ética. Justíssimo”**

ARMANDO NOGUEIRA, jornalista, sobre Telê Santana  
(Lance! 26/04)

**“Agradeço a confiança do Parreira, como também não posso deixar de ressaltar o apoio da opinião pública”**

ROGÉRIO CENI, goleiro, falando de sua convocação para o site oficial do clube, em 15 de maio

**“Três, quatro meses é muito pouco para retribuir o carinho que o clube teve comigo”**

RICARDO OLIVEIRA, atacante, após o jogo contra o São Caetano, pelo Campeonato Brasileiro, sobre seu contrato com o clube paulista e a possibilidade de esticá-lo  
Lance! (22/05)

**“Quando saiu a primeira convocação, me perguntaram se eu não estava triste por ter ficado de fora. Eu respondi que Deus já me havia feito chegar mais longe do que imaginava”**

MINEIRO, volante, conversando com jornalistas em 31 de maio, depois do jogo contra o Fluminense, a respeito de sua ida à Copa

O goleiro-artilheiro com a camisa que homenageou Telê: nas costas, a quantidade de títulos que o treinador conquistou com o SPFC



RUBENS CHIRI

**“Este período sem jogos é um presente para o clube. Os atletas estão muito desgastados”**

CARLINHOS NEVES, preparador físico, sobre os dias em que campeonatos nacionais e internacionais param, permitindo que os atletas possam descansar e acompanhar a Copa do Mundo da Alemanha  
Lance! (13/05)

“O melhor é que agora todos torceremos por Mineiro. Gaúchos, mineiros, são-paulinos e não-são-paulinos estarão unidos. Agora ele é do Brasil”

JOSÉ ROBERTO TORERO, articulista da Folha de S. Paulo, que não é são-paulino, enaltecendo o atleta tricolor em sua coluna de 1º de junho; aliás, toda a página do jornal, como se vê ao lado, foi dedicada ao jogador

“É como se estivesse iniciando agora a minha carreira”

LÚCIO, lateral-esquerdo, em sua apresentação em 19 de maio; ele veio do Palmeiras, envolvido numa troca com o atacante Roger

ACHO QUE os são-paulinos dominam algum tipo de magia. Em alguma obscura sala nos subterrâneos do Morumbi, eles dão-se as mãos e emitem ondas eletromagnético-telepáticas que influem nos jogadores. Xico Sá diria que S.P.F.C. na verdade significa Secadores Poderosos para Fraturas e Contusões.

Primeiro, eles queriam que Rogério Ceni fosse convocado. E Marcos ficou meses sem conseguir se curar. Depois, desejaram que Mineiro tivesse seu lugar na seleção. E Edmilson foi cortado. Se eu fosse Gilberto ou Roberto Carlos, começaria a ficar preocupado, porque Júnior faz um bocado de sucesso entre os magos são-paulinos.

Acho que eles poderiam até fazer com que o dólar caísse. Ou, vai ver, eles já estavam fazendo isso, e só por estarem distraídos com a Copa é que a moeda americana voltou a subir.

Ou, talvez, seja mesmo o valor do gaúcho Mineiro que o fez ser a pri-

meira opção de Parreira para a posição.

Seu trabalho de formiguinha é impressionante. E uma boa prova disso é o sentimento que os torcedores têm por ele. Os do São Paulo o adoram, pois sabem que ele vai derramar litros de suor pelo seu time, em todos os lugares do campo ao mesmo tempo, sabem que ele defende como poucos e, de vez em quando, até surge no ataque para fazer um gol inesquecível.

Já os torcedores de outros times, como eu, adoram quando ele não joga, pois sabemos que nossos atacantes terão apenas suas próprias sombras a perseguir. A irritação é tanta que certa vez, durante um Santos x São Paulo, ouvi um fã alvinegro di-

JOSÉ ROBERTO TORERO O gaúcho Mineiro é do Brasil

Gilberto e Roberto Carlos que se cuidem, pois, se a magia dos são-paulinos fizer efeito de novo, Júnior pode ir à Copa

zer: “Esse Mineiro nunca cansa? Deve ter um motor na bunda!”

O melhor é que agora todos torceremos por Mineiro. Gaúchos, mineiros, são-paulinos e não-são-paulinos estarão unidos. Agora ele é do Brasil.

Provavelmente ele apenas sentará no banco de reservas. Creio que Mineiro só entrará na seleção se alguém se machucar, se Zé Roberto for muito ao ataque e não der conta de defesa, ou se, toc-toc-toc, o quarteto não funcionar e precisarmos

trocar um dos quatro por alguém mais defensivo. E isso não é impossível. Basta lembrar que, em 94, Parreira trocou Raj por Mazinho.

Falando em Parreira, talvez ele fosse mais coerente se chamasse Renato ou Júlio Baptista, que estiveram presentes em suas convocações. Mas o primeiro parece estar num mau momento (como Adriano, que foi convocado) e o segundo não joga nessa posição há algum tempo.

De qualquer forma, é uma boa escolha. A seleção ganha um jogador valioso que nós, brasileiros, conhecemos bem. E Mineiro, que é gaúcho mas joga em São Paulo, tem mesmo cara de brasileiro. Com 30 anos e menos de 1,70 m, ele tem cara de gente que supera adversidades, que surpreende, que vence quando to-

dos acham que vai perder. Ele, que já empurrou Ponte Preta e São Caetano, foi convocado pela primeira vez por Leão e teve seu momento de glória na final do Mundial de Clubes, quando fez gol e deu o título ao São Paulo.

É claro que o Edmilson deve estar arrasado. Mas ele já esteve em uma Copa e, imagino, a alegria de Mineiro será maior que a tristeza do jogador do Barcelona.

Imagino que o volante do São Paulo deve estar explodindo por dentro, soltando rojões imaginários. Depois de já ter certeza de que ficaria de fora da Copa, receber a notícia de convocação é estar caindo de um prédio e ser salvo pelo mastro da bandeira, é como ser um condenado à cadeira elétrica e faltar luz na hora da execução, é como ficar diante de um pelotão de fuzilamento e receber o perdão quando o encarregado já falava “Preparar, apontar...”

torero@uol.com.br

Festa de Mineiro coroa São Paulo líder

Com gol de Souza e homenagem a convocado, time vence e toma ponta do Fluminense no Brasileiro, que vê seu 5º líder

São Paulo 1 Fluminense 0

TONIASSIS DA REPORTAGEM LOCAL

A rebote do selecionável Mineiro, que ontem fez sua despedida do São Paulo para integrar a seleção que disputará a Copa, o time paulista e bateu o Fluminense por 1 a 0 e tomou-lhe a ponta, tornando-se o quinto líder do Brasileiro-06.

Ao fim do jogo, ovacionado, Mineiro, enfim, falou da convocação. “Agora é pensar em seleção. São com o dever cumprido. Vencemos o jogo, estamos na liderança. Quero agora é ir para a seleção, procurar o meu espaço”, afirmou o jogador.

Em campo, apesar da importância do duelo, o foco estava mesmo em Mineiro, que ganhou a dimensão de popstar com a convocação de Parreira.

Blindado pela diretoria para não dar entrevista até o jogo, teve seu dia de galático. Na chegada, foi cercado por três seguranças para se livrar da imprensa. No campo, foi homenageado no placar com a inscrição “Tri rumo ao hexa”. Ainda teve o nome gritado pela torcida.

Quando, enfim, foi liberado para falar, usou a modéstia de sempre. “Deus me levou mais longe do que imaginava”, resumiu Mineiro, que falou que a decisão de enfrentar o Fluminense também teve o seu aval.

Jogando para o gosto, o São Paulo se beneficiou pelos tropeços de Internacional, Cruzeiro e Santos para chegar aos 21 pontos e superar o Fluminense no saldo de gols pelo topo.

De quebra, confirmou sua fama de bicho-papão quando jogou em seus domínios. Agora são cinco vitórias em cinco jogos no Morumbi neste Brasileiro. A última derrota pelo torneio em seu estádio foi em 27 de outubro de 2005 para o Brasiliense.

Em campo, Mineiro entrou como capitão e teve um rendimento digno da sua função. Se não se destacou em nenhum fundamento, foi o termômetro da equipe. Recebeu 18 bolas, fez oito desarmes e tomou conta do meio-campo, liberando os avanços de Souza e Júnior.

E foi numa trama dos dois alas que o São Paulo conseguiu o gol. Júnior serviu a Souza, que bateu da entrada da área: 1 a 0, aos 45min do primeiro tempo.

Na volta do intervalo, o Fluminense veio mais ligado, e Muricy trocou o ataque. Colocou Thiago e Leandro nos lugares de Alex Dias e Ricardo Oliveira e seguiu melhor.

Com Lenzy pouco inspirado, e sentindo as ausências de Tuta e Petkovic, o Fluminense tinha pouco poder ofensivo. Aos 37min, o time marcou em cabeçada do zagueiro Gabriel, mas o juiz anulou impedimento.

Com o susto, o São Paulo se resguardou ainda mais e ficou explorando os contra-ataques, perdendo duas boas chances com Thiago e Lenilson no final.



Com a braçadeira de capitão do São Paulo, o volante Mineiro saúda os torcedores no Morumbi

[+] perfil

Franzino, jogador quase largou a bola

LUÍS FERRARI DA REPORTAGEM LOCAL

Ele ainda era júnior e lhe disseram que seu biótipo era incompatível com as exigências do viril futebol gaúcho.

Então o gaúcho Mineiro deixou as categorias de base do Internacional, onde ganhou o apelido em alusão ao lateral Cláudio Mineiro e foi procurar outro clube.

Em vão, bateu nas portas de Vasco e Corinthians. Ia buscar um outro emprego, quando surgiu uma chance no Rio Branco.

De Americana, Mineiro saiu para o Guarani, que posteriormente foi trocado pela arqui-rival Ponte Preta. Foi na equipe alvinegra que sua carreira decolou, inclusive com convocação para a sele-

ção brasileira, à época comandada por Emerson Leão.

Antes do São Paulo, passou pelo São Caetano, onde ganhou o Paulista de 2004.

Até a conquista do tricampeonato mundial do São Paulo, em dezembro do ano passado, Mineiro adotava, em campo, o mesmo estilo retratado que ostenta fora dele. Raramente se arriscava em jogadas ofensivas, como a que fez para marcar o gol da vitória contra o Liverpool.

O tento do título maduro um pouco o estilo do volante em campo. Neste ano, ele passou a ir mais ao ataque, tendo inclusive marcado um golão de bicicleta no confronto contra o São Caetano pelo Campeonato Paulista.

Pelo time do Morumbi, além de jogar na proteção do meio-campo, Mineiro já atuou improvisado na lateral-direita. No esquema de Muricy Ramalho, o volante de 1,69 m é responsável por cobrir os avanços dos alas.



Placar eletrônico do Morumbi homenageia o volante Mineiro

Volante pensou que sua convocação era mentira

DA REPORTAGEM LOCAL

Sorriso tímido e resposta contida. Essa foi a reação do volante Mineiro ao receber a notícia de que fora convocado para substituir Edmilson na seleção brasileira que jogará a Copa.

Jogador reservado, de poucas palavras, Mineiro, 30, no início, achou que era brincadeira para descontração o ambiente.

“Só após um tempo é que ele percebeu que realmente tinha sido convocado”, afirmou Sérgio Rocha, assistente de preparação física do São Paulo.

Segundo Rocha, a convocação de Mineiro tornou o dia dos atletas mais descontraído. “O Mineiro é uma unanimidade. Todos gostam dele. Fizemos festa, brincaram. Mesmo assim, ele conteve a euforia. Estava feliz, mas reservado.”

Em entrevista ao site do clube, o atleta, que não deu declarações à imprensa antes da par-

tida de ontem à noite, também foi econômico. “Na primeira lista, fiquei chateado, mas não triste, porque na minha carreira sempre conquistei coisas boas. Do meu ponto de vista não gostaria que fosse assim. Não esperava, mas estou feliz.”

Segundo o presidente do clube, Juvenal Juvêncio, a CBF fez uma consulta ontem por volta das 11h para saber do volante.

“Eles conversaram comigo de liberação para falar com o Dr. Sanchez [médico do São Paulo]. Mas o que ficou certo é que a convocação passaria a valer a partir de amanhã [hoje].”

Segundo Marco Aurélio Cunha, a decisão de proibir o jogador de falar com a imprensa antes do confronto com o Fluminense sobre a sua convocação para a Copa foi acertada.

“Em dia de jogo, é concentração total. Entrevista gera desgaste desnecessário”, diz o superintendente de futebol.

[+] COPA: ATLETA DEIXA SELEÇÃO COM DEZ TRINTÕES

A diferença de idades entre Edmilson e Mineiro é só de um ano. Mas a troca de jogadores vai aumentar a lista de trintões de Carlos Alberto Parreira. Agora são dez jogadores que ultrapassaram a barreira dos 30, um recorde entre os favoritos ao título na Alemanha. Somente no time titular (que, com 29 anos, tem a segunda maior média de idade da história da seleção nas Copas) serão cinco trintões.

Table with 2 columns: São Paulo and Fluminense, listing player names and their jersey numbers.

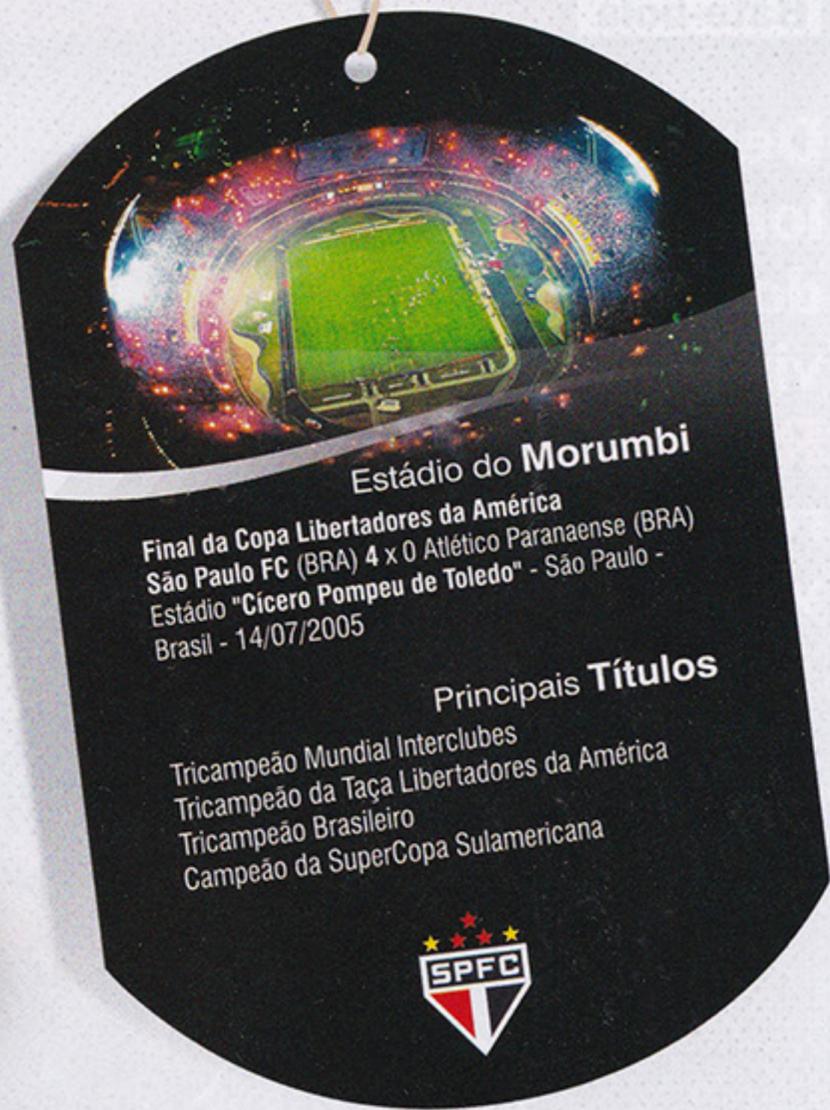
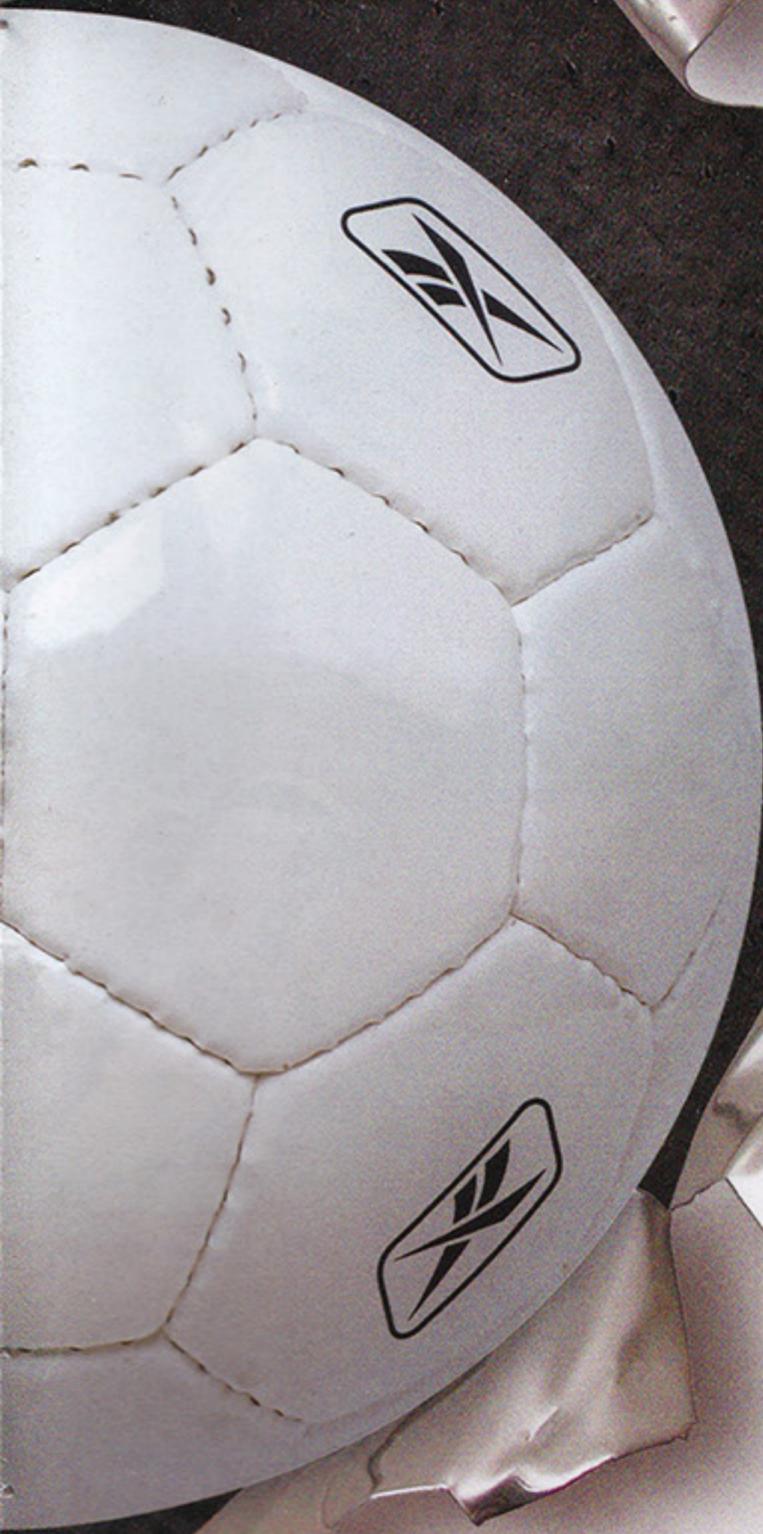
Estádio: Morumbi, em São Paulo. Jogo: Evandro Rogério de Barros (90) Branda e público: 65.123.245 e 20.106 pagantes. Gol: Souza, aos 45min do 1º tempo.

REPRODUÇÃO FOLHA DE S. PAULO

**Acesse**  
**[www.torcidarbkn.com.br](http://www.torcidarbkn.com.br)**

**E fique por dentro de tudo o  
que acontece com seu time.**





**Reebok** 

**Fornecedor oficial de materiais  
esportivos do São Paulo Futebol Clube**

Depois de ficar longo tempo afastado dos gramados em virtude de uma contusão, **RICARDO OLIVEIRA** ressurgiu em grande estilo vestindo a camisa tricolor

FOTOS RUBENS CHIRI

**DE VOLTA À BOA FORMA**

O atacante venceu o goleiro Sérgio, do Palmeiras, duas vezes no mesmo jogo e ainda mostrou que se recuperou totalmente de cirurgia no joelho

Retorno do

# artilheiro

**Por Fernando Savaglia**

Quarta-feira, 24 de maio de 2006. Noite fria no Estádio do Morumbi. Em campo, São Paulo e Palmeiras disputam mais um clássico, dessa vez válido pelo Campeonato Brasileiro. Fim de primeiro tempo. Jogo empatado por 1 a 1. Logo no princípio da etapa complementar, o Tricolor parte para cima do rival. Aos 7 minutos, o atacante Ricardo Oliveira, aproveitando uma indecisão da defesa palmeirense, antecipa-se ao zagueiro Leonardo Silva e, com oportunismo, põe o São Paulo em vantagem.

Muitos podem considerar esse tento apenas mais um das centenas que o artilheiro já fez em sua carreira. Sua reação, porém, foi a de um garoto que comemora o primeiro gol da vida. Não é para menos. Afinal, após permanecer seis meses se recuperando de uma contusão que o levou a uma intervenção cirúrgica no joelho direito, o atacante voltou a estufar as redes na partida seguinte à sua estréia com a camisa são-paulina.

Mas aquele era o aperitivo, pois o prato principal seria servido três minutos depois, quando ele, com faro apurado, ajudou o time mais uma vez: marcou de novo. No fim, mais que a goleada por 4 a 1, a torcida do São Paulo viu que o atacante está disposto a consolidar essa relação com o clube em que começou a recuperar-se. A seguir, acompanhe alguns trechos da conversa que Ricardo Oliveira teve com a **Revista Oficial do São Paulo Futebol Clube**.

**Para começar, gostaria de falar um pouco do início de sua carreira. Você chegou a jogar durante alguns anos nas categorias de base do Corinthians. Por que saiu?**

Foi o primeiro clube que procurei. Estava com 17 anos. Mas, na época, nem pensava em me profissionalizar. Gostava de

brincar com meus colegas na várzea e não estava muito preocupado em seguir carreira. Um dia, um amigo conseguiu um teste e fiz a peneira com mais de 100 garotos. Passei, mas não tinha nem chuteira. Precisei pegar um par emprestado.

**E como foi a experiência?**

Tive três. Em 1997, 1998 e 1999. Sinceramente, não é uma época da qual guarde boas lembranças. Tive um momento bom com o Oswaldo de Oliveira. Ele me deu uma oportunidade nos aspirantes. Mas, depois, fui dispensado.

**Chegou a pensar em parar de jogar?**

Sim. Em 1999, fiquei seis meses parado e queria abandonar de vez o futebol. Pensei em ajudar minha mãe trabalhando. Disse a ela que largaria o esporte. Afinal, até então, não tinha me dado nada. Ela me aconselhou a não fazer isso, porque eu havia me sacrificado tanto até aquele momento que não valeria a pena abdicar do meu sonho. Aquilo me deu uma injeção de ânimo. Acabei fazendo um teste na Portuguesa e, depois de três treinos, fui contratado. O técnico da Lusa na época era o Silva. Hoje, ele trabalha nas divisões de base do São Paulo. Minha estréia foi contra o Sport do Recife, no Canindé, pelo Brasileiro de 2000. Lembro que entrei aos 27 minutos do segundo tempo e fiz um gol no Bosco (*reserva de Rogério Ceni*). Até hoje, brinco sempre que faço gols nele (*risos*).

**Sua passagem por Santos e Valencia rendeu que tipo de aprendizado?**

No Santos, fiquei apenas seis meses. Mas fui artilheiro e vice-campeão da Libertadores. Acabei superando o Pelé em número de gols numa única edição da competição continental. Na Europa, foi difícil no começo. Curioso é que sempre sonhei em jogar na Espanha,

# Corinthians



**PODE COMEMORAR**  
Celebrando um de seus tentos com a torcida

## RICARDO OLIVEIRA

**Nascimento:** 06/05/1980  
**Local:** São Paulo (SP)  
**Posição:** atacante  
**Altura:** 1,83m  
**Peso:** 80 kg  
**Ex-clubes:** Corinthians, Portuguesa, Santos, Valencia e Betis

desde que fiz uma excursão com a Portuguesa a Valencia. Naquele torneio, fui eleito o melhor jogador e me identifiquei muito com o povo, a cultura e a língua. Ainda assim, tive alguma dificuldade por estar voltando de uma contusão. Acabei ficando 40 dias parado. Sabia que o primeiro ano usaria para me adaptar ao futebol espanhol. Lá, se o atleta não tem bom desempenho tático, mesmo sendo atacante, não é cobrado pelo fato de não fazer gols. Na minha cabeça, vivo de balançar as redes. Demorou um pouco para eu entender essa situação. Terminei tendo poucas oportunidades. Às ve-

zes, entrava e fazia dois num jogo. Mas, na partida seguinte, ficava na reserva.

**No Valencia, você trabalhou com Rafa Benítez, treinador que conduziu o Liverpool no Mundial Interclubes diante do São Paulo em 2005. Como era seu relacionamento com ele?**

Excelente. Ele sempre me tranqüilizou, dizendo que eu

teria tempo para mostrar meu futebol. Mas eu estava ansioso porque era um ano de Copa América e queria ir para a seleção. Ele me ensinou vários fundamentos. Foi muito profissional e leal comigo.

**A chegada do técnico Claudio Ranieri, que pediu a contratação do atacante Bernardo Corradi, ex-Lazio, empurrou você para o Betis?**

Quando o Ranieri assumiu, eu estava servindo à seleção. Perguntaram se ele tinha planos de contar comigo. O Ranieri disse que não. Isso surpreendeu até os diretores do Valencia, que não entendiam como um jogador de seleção brasileira não podia interessar a um treinador. Eles não queriam me vender. Mas disseram que não me prejudicariam. Nesse tempo, o Betis tinha interesse no meu futebol. Fui o terceiro artilheiro do Campeonato Espanhol pelo clube. A imprensa de Valencia continua perguntando até hoje por que não fui aproveitado na equipe.

**Como é voltar ao futebol brasileiro após uma estada bastante razoável na Espanha?**

Estou muito satisfeito com meu acordo com o São Paulo. Vou fazer todo o esforço para permanecer aqui e retribuir o carinho que todos tiveram comigo. Meu desejo é marcar muitos gols e ganhar títulos.

**Aprovou sua estréia?**

Sim. Entrei bem contra o Inter. Aquele jogo me deu a confiança de que estou 100% curado. Realizei todos os movimentos sem nenhum tipo de medo de fazer qualquer jogada.

**Depois de ficar todo esse tempo sem jogar, passa algum tipo de insegurança pela cabeça do profissional?**

Foi difícil para mim. Quando me contundi, eu estava no melhor momento da minha carreira. Atingi uma meta de 30 gols na temporada na Europa. Além disso, estava sempre sendo chamado para a seleção brasileira. Me machuquei em 1º de novembro. Minha cabeça deu voltas. Pensei na Copa do Mundo e se teria de fazer cirurgia. Foi curioso porque minha filha tinha acabado de nascer. Eu vivia uma grande alegria misturada com frustração profissional. Minha família e meus amigos me deram muito apoio e me ajudaram a segurar a onda. Hoje, recuperado, estou feliz de estar na ativa de novo.

**Seu contrato com o São Paulo vai até agosto deste ano. Você deseja permanecer pelo menos até o fim de 2006?**

Tenho muita vontade de ficar. Já manifestei publicamente esse desejo. O São Paulo e eu estamos unidos no objetivo de prorrogar meu contrato. O clube tem uma ótima relação com o Betis e, por conta disso, acredito que vai ser possível esse acordo se concretizar. Estou confiante.

**Por causa de sua contusão, você sabia que as chances de ir à Copa eram remotas. Mesmo assim, ficou triste por não ter feito parte da lista do Parreira?**

Eu sabia que, em virtude da lesão, corria grande risco de não ir para a Copa. Era um objetivo meu. Mas estou tão feliz de voltar a jogar futebol. É um sonho participar de uma Copa. Se um dia se concretizar, tudo bem. Se não, não haverá problemas. Me considero um vencedor depois de todas as dificuldades que passei na vida. Não tenho do que reclamar. Sigo normalmente, pois tenho uma família maravilhosa que me ajuda muito. Continuo feliz.



## Cestas Nostra Mamma. Benefício tamanho família

As cestas de alimentos Nostra Mamma são as únicas com jogos, brinquedos e atividades para a família toda. São diversas composições de cestas com produtos selecionados e o mais alto padrão de qualidade. Além disso, trabalhamos com várias formas de pagamento e modalidade de entrega.

Nostra Mamma, isto sim é custo e benefício.



**CENTRAL DE ATENDIMENTO**  
**(11) 4613-2400**  
**www.nostramamma.com.br**





# UMA VE

**LONGO CAMINHO**  
Até chegar ao Tricolor,  
o atleta driblou várias  
dificuldades

## REVELAÇÃO do Campeonato Paulista deste ano, o habilidoso meia relata sua extensa trajetória profissional, além de falar da boa fase no São Paulo, time em que sempre sonhou atuar

Por Denis Moreira

Apesar de ter conquistado apenas um título, o da Segunda Divisão do Campeonato Mineiro, em 2001, pelo Paraisense, Lenílson pode se considerar um vencedor. Até o fim do ano passado, o talentoso canhoto de 25 anos era apenas mais um dos milhares de jogadores espalhados pelo Brasil em busca de reconhecimento. Profissional desde os 17 anos, trabalhou em diversas equipes antes de destacar-se no Noroeste de Bauru, no Paulistão deste ano. As ótimas performances lhe valeram a chegada ao São Paulo para o resto da temporada 2006.

O Tricolor é o 14º clube da carreira de Lenílson Batista de Jesus, que nasceu em Salvador, capital baiana, em 1º de maio de 1981. Em seu currículo, constam passagens por agremiações tradicionais do futebol brasileiro, como Atlético-MG, Cruzeiro e Vitória da Bahia, onde iniciou,

em 1993, aos 11 anos. "Até então, jogava apenas em peladas", recorda-se. "Um rapaz que considero tio, chamado Meirinho, me levou para uma peneira. De 300 garotos, só eu e mais um fomos aprovados."

O meia permaneceu no time soteropolitano por três anos, atuando na categoria dente-de-leite até ser emprestado à Catuense, que é do mesmo Estado. Depois, jogou nos juniores do Galícia, também do interior da Bahia. Lá, tornou-se profissional. A primeira partida oficial que fez foi contra o Fluminense de Feira de Santana, em 2000, pelo Campeonato Baiano.

Um ano depois, ciente de seu potencial e disposto a crescer, armou uma "arapuca", no bom sentido, para que recebesse uma forcinha extra do atacante Oséas, então no Cruzeiro. "Ele era muito amigo do meu pai. Em uma de suas folgas, armamos uma pelada na Bahia para que visse meu futebol e, depois, pudesse dar uma ajuda." O resultado do

plano não poderia ser melhor. O atacante arrumou uma vaga para Lenílson treinar na Toca da Raposa. "Quando cheguei lá, fiquei 15 dias e fui mandado embora. Acabei voltando para casa."

### PEREGRINAÇÃO

Pouco tempo depois, o meia seria novamente auxiliado por Oséas, que o levou para o Paraisense, no qual estavam jogadores cruzeirenses que não eram utilizados. Ao lado dos companheiros, garantiu o acesso do time para a divisão de elite do futebol mineiro. Após o torneio, permaneceu no Estado, mas foi para o América. Lá, disputou a Taça São Paulo de 2002 e, em seguida, ingressou na equipe profissional. Com boas atuações, ganhou a confiança dos dirigentes. Deixou o plantel, porém, por questões contratuais e foi parar no Atlético Mineiro, agremiação com que participou da disputa da Copa do Brasil, Campeonato Mineiro e Brasileiro.

Por conta da falta de oportunidades no Galo, Lenílson retornou em 2004 ao América Mineiro. Entretanto, não foi aproveitado pelo técnico Carlos Alberto Silva. Insatisfeito, rumou para o Marília, do interior de São Paulo, onde foi demitido após um mês e meio. Migrou no início do ano seguinte para o XV de Piracicaba, mas também não foi bem-sucedido. Nesse momento, desanimado com a falta de chances, quase parou de jogar bola, mesmo com uma proposta do Tupi de Juiz de Fora (MG) em mãos. "Em cima da hora, com a passagem marcada, decidi não ir e desistir da profissão. Foi minha mãe quem me convenceu de que eu deveria viajar."

Após chegar ao ponto mais crítico de sua trajetória, Lenílson começou a dar a volta por cima. Jogando pelo Ituiutaba, de Minas Gerais, tornou-se um dos destaques da equipe, chamando a atenção do Noroeste de Bauru, que o contratou em

# NCEEDOR

seguida. De acordo com ele, o contrato foi fechado à revelia de seu empresário, que já tinha praticamente acertado sua ida para o Santa Cruz, do Recife. A ousadia permitiu-lhe disputar o Paulistão deste ano. Conseqüentemente, recebeu propostas de vários grandes clubes do futebol brasileiro. Segundo o próprio jogador, Santos, Paraná Clube, Coritiba, Ponte Preta, São Caetano e Palmeiras estariam entre os interessados. Mais uma vez, o São Paulo superou a concorrência, fechando com o atleta em abril.

## REALIZAÇÃO DE SONHOS

A transferência de Lenílson para o Tricolor paulista foi, por sinal, bastante polêmica. Também disposto a contar com o futebol dele, o Santos reclamou por não ter sido escolhido após garantir a assinatura do jogador, antes do término do Paulistão, em um documento que registrava a pretensão do clube praiano. "O documento não me impedia em nada de acertar com outro time. Além disso, já tinha dito a eles que só definiria meu futuro quando acabasse o contrato com o Noroeste", explica o meia.

O jogador enumera uma série de motivos para justificar

sua predileção pelo São Paulo. Afora a oportunidade de jogar em uma equipe tricampeã mundial, que disputa a Libertadores deste ano e possui uma infra-estrutura de primeira, também o influenciou o antigo sonho de defender a camisa tricolor.

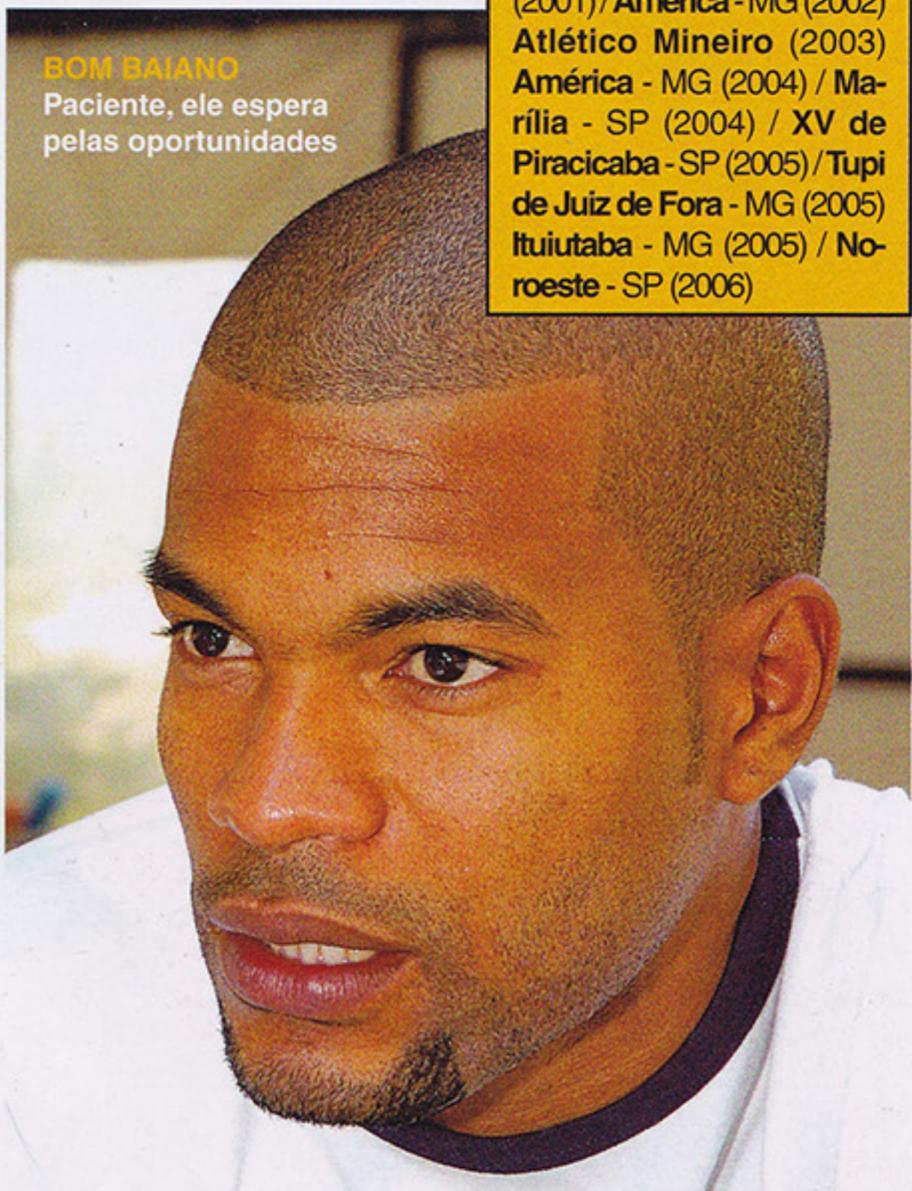
"Nem gosto de comentar essas coisas, mas sempre fui são-paulino e tenho um carinho grande pelo time. Na televisão, via os jogos do Denílson, do Raí, do Juninho e pensava se um dia teria a mesma chance. Quando veio a proposta, pensei 'ah, essa oportunidade não vou perder!", afirma Lenílson, que começou a treinar oficialmente no CT da Barra Funda no dia 11 de abril.

A primeira partida dele pelo Tricolor aconteceu em 23 de abril, em Fortaleza, contra o time local. Atuando desde o início, brilhou. Na rodada seguinte, entrou bem diante do Santa Cruz e marcou seu primeiro gol contra o arquiinimigo Corinthians, em clássico vencido pelo São Paulo por 3 a 1. Na Libertadores, participou apenas da derrota por 1 a 0 para o Estudiantes, na Argentina, em uma situação inusitada. Pouco tempo após entrar em lugar de Alex Dias, saiu porque Edcarlos precisava ocupar o espaço que a expulsão de Diego Lugano cavou.

As boas atuações no time de Muricy Ramalho têm rendido a Lenílson elogios da crítica, da torcida e do próprio técnico. Há até quem defenda a escalação

dele no time titular, armando ao lado de Danilo, em um esquema 4-4-2. Mas, como bom baiano, ele garante que não tem pressa para arrumar um espaço entre os 11 titulares. "O jogador que disser que está contente com o banco é mentiroso. Mas estou trabalhando com determinação para agarrar as oportunidades que surgirem", garante o jogador, com a serenidade de quem já venceu inúmeros desafios ao longo da carreira e sabe que, cedo ou tarde, sua hora chegará.

**BOM BAIANO**  
Paciente, ele espera pelas oportunidades



## LENÍLSON BATISTA DE JESUS

**Nascimento:** 01/05/1981

**Local:** Salvador (BA)

**Posição:** meia-esquerda (canhoto)

**Altura:** 1,87m

**Peso:** 82 kg

**Características:** bom passe, finalização com a perna esquerda e cabeceio

**Ex-clubes:** Vitória - BA (1993/95) / Catuense - BA (1996/97) / Galícia - BA (1999/2001) / Cruzeiro - MG (2001) / Paraisense - MG (2001) / América - MG (2002) / Atlético Mineiro (2003) / América - MG (2004) / Marília - SP (2004) / XV de Piracicaba - SP (2005) / Tupi de Juiz de Fora - MG (2005) / Ituiutaba - MG (2005) / Noroeste - SP (2006)

**JEITO ÚNICO**  
Perfeccionista, exigia  
sempre rendimento  
máximo de seus atletas

# LICÇÕES

## DE UM "MESTRE" INESQUECÍVEL

**Simples, honesto, exigente e dono de um grande coração. TELÊ SANTANA é descrito assim por Carlos Caboclo, amigo que o conduziu ao clube do Morumbi em 1990**

Por Fernando Savaglia

Telê Santana marcou a história do futebol. Seu nome sempre estará ligado àquilo que o esporte oferece de mais belo. Adepto do espetáculo, não fazia concessões a nada que contrariasse a ética desportiva. Tinha gosto por conquistar títulos e, ao longo da carreira, provou ser vencedor. Mas, numa modalidade muitas vezes marcada pela idéia obsessiva da vitória, independentemente dos meios utilizados para consegui-la, Telê permaneceu fiel a seus ideais e sua obstinada busca pela lealdade dentro dos campos.

Homem de personalidade forte e humor inconstante, é reverenciado no mundo todo por ser um dos maiores técnicos de todos os tempos. Ninguém foi tão genial ao ensinar a complexa arte da simplicidade quanto ele. Não é à toa que o chamavam de "Mestre". Soube, afinal, passar a seus

comandados os fundamentos do jogo, além de extrair deles o que cada um tinha de melhor.

Hoje, os supertimes do passado são lembrados por meio de referências, como o Santos de Pelé, a Hungria de Puskas, o Flamengo de Zico e o Real Madrid de Di Stéfano. O Tricolor do início dos anos 90, apesar da presença em massa de inúmeros craques, ficou conhecido como o "São Paulo de Telê". Isso por conta da simbiose dele com a filosofia do clube, da influência que exercia sobre o plantel e do reconhecimento que conseguiu da torcida. Tão relevante quanto esse dado é a constatação de que, embora não tenha vencido nenhuma das duas Copas em que esteve à frente da seleção brasileira, em 1982 e 1986, seu nome aparece na boca de inúmeros especialistas como o maior treinador que o Brasil já teve. Mas, afinal, quem foi o homem que dirigiu uma das mais vitoriosas equipes do futebol brasileiro de todos os tempos?

### A PRIMEIRA PASSAGEM

Carlos Alberto de Mello Caboclo, amigo íntimo do ex-técnico e hoje diretor de Relações Internacionais do Tricolor, conheceu Telê em 1973 durante a primeira passagem do treinador pelo Morumbi. Diretor das categorias de base do clube na época, Caboclo teve participação significativa na vida profissional e pessoal do colega mineiro.

Embora já consagrado, Telê não foi feliz no São Paulo daqueles tempos. Contratado para substituir o argentino José Poy, encontrou um elenco experiente, mas, segundo suas observações,

condicionado a jogar de uma única maneira: no contra-ataque. "Não posso imaginar o São Paulo jogando como um time pequeno", dizia naquela década. "Se um esquema defensivo trouxe vitórias, isso foi há três anos."

Aos poucos, a relação de Telê com o grupo foi se desgastando. "Um dia, ele me confidenciou



RUBENS CHIRI

que gostaria de promover uma grande reformulação, contando com vários garotos das categorias de base”, relata Caboclo. “Do plantel profissional, aproveitaria, no máximo, quatro jogadores.”

A diretoria não se empolgou com a reformulação proposta. A corda acabou estourando para o lado do técnico. Por conta da relação que tinha com Telê, Caboclo foi incumbido de acompanhá-lo na sua despedida do clube. “Falei-lhe que o achava um excelente profissional e que, em breve, o veria treinando a seleção brasileira”, recorda-se. “Ele respondeu dizendo que eu deveria estar brincando, pois,

### O RETORNO DO MESTRE

Por causa de uma campanha ruim no Campeonato Paulista de 1990, a diretoria tricolor queria o retorno do Mestre quase 20 anos depois da primeira estada dele no Morumbi. Um dos maiores articuladores dessa volta foi Carlos Caboclo. “Conversei muito com ele e os diretores do São Paulo. Disse-lhes que, apesar da fase que o clube atravessava não ser das melhores, achava que, se somássemos a competência de Telê com a estrutura do São Paulo, poderíamos ter ótimos resultados.”

Telê, porém, gostava de pensar várias vezes antes de tomar uma decisão. De-

exigente e não admitia que ninguém falasse mal de pessoas do plantel em sua frente. Telê era franco e direto, afora isso tinha um coração enorme. “Mas, se alguém levantasse a voz com ele, ficava sentido. Era muito sensível”, ressalta Caboclo, que foi testemunha por várias vezes da emotividade do técnico.

O dirigente recorda-se de uma vez em que, durante um almoço próximo à escola que se localiza na parte social do clube, Telê foi consolar um garoto de 5 anos que chorava sem parar. “Mas ele terminou chorando junto com o menino.” De acordo com Caboclo, Telê voltou no dia seguinte para ver se estava tudo bem com a criança, que abriu-lhe um sorriso e o cumprimentou acenando. “Aquilo foi suficiente para torná-lo o homem mais feliz do mundo naquele momento.”

### EXIGÊNCIAS

Em 1992, uma passagem mostrou o quanto Telê se preocupava com os “homens”

no e humilde”, opina Caboclo. Existem muitas histórias divertidas sobre Telê. Uma delas diz respeito a seu horror a gastar dinheiro. Caboclo revela que, sempre que saía para almoçar com o amigo, pagava a conta. Chegou a passar por algumas situações inusitadas, como a que relata a seguir. “Estávamos num restaurante e fui ao banheiro. Na volta, encontrei um conhecido e fiquei conversando”, recorda-se. “Como demorei, começaram a fechar o estabelecimento. Para me certificar, perguntei ao garçom se a conta estava paga. O rapaz disse que não”, narra Caboclo, que arremata divertindo-se: “‘Seu Telê’ falou que o senhor pagaria (risos)”.

Afora ser excelente treinador, Telê destacava-se em outros dois ramos. Era bom tanto contando anedotas quanto fazendo palestras. “Discorria bem sobre vendas, marketing, liderança ou incentivo”, aponta Caboclo. “Sempre era aplaudido de pé. Era um dom que possuía.” Mes-

## “ACHAVA QUE, SE SOMÁSSEMOS A COMPETÊNCIA DE TELÊ COM A ESTRUTURA DO SÃO PAULO, PODERÍAMOS TER ÓTIMOS RESULTADOS”

CARLOS CABOCLO (acima)

naquele exato momento, ele estava desempregado.”

Poucas pessoas sabem que o primeiro contato de Telê com a seleção ocorreu em meados dos anos 70. Ainda que por um único dia. Carlos Caboclo o indicou a Oswaldo Brandão, então comandante do escrete nacional, que, em virtude de um compromisso em São Paulo, precisava de alguém para substituí-lo num coletivo que daria ao selecionado em Belo Horizonte, Minas Gerais. Naquele dia, ele sentiu levemente o gosto de conduzir o Brasil. Mesmo sendo responsável por aquela que é uma das melhores seleções de futebol de todos os tempos, a de 1982, Telê, por causa da desclassificação dos Mundiais daquele ano e de 1986, recebeu o rótulo de pé-frio.

pois de uma, até certo ponto, complexa negociação, veio do Rio de Janeiro, onde residia, para encontrar-se com o dirigente são-paulino. Que narra: “Naquele fim de tarde, fomos conhecer o CCT da Barra Funda. Ele entrou no gramado encharcado, andou de um lado para o outro, ficou em silêncio alguns instantes e, finalmente, aceitou”. Para começar a trabalhar, fez pouquíssimos pedidos. “Nos primeiros meses, disse que moraria no próprio CT e, a cada título que disputasse, seu salário seria aumentado.”

Sua fama de rabugento ficou famosa entre atletas, imprensa e árbitros. No entanto, as broncas que aplicava nos jogadores, segundo Caboclo, carregavam uma única intenção. Queria que todos se aperfeiçoassem. Era

que comandava em campo. Depois de voltar do Japão com o primeiro título mundial, o São Paulo disputaria outro. O time teria pela frente o Palmeiras na final do Campeonato Paulista. Na ocasião, o treinador confidenciou ao amigo que não tinha o que fazer. Pois, após uma longa viagem e das comemorações, não podia exigir nada dos “meninos”. “A única coisa que posso fazer-lhes é dar liberdade para que não joguem ou fiquem no banco”, disse o Mestre.

Para sua felicidade, mesmo extenuados, todos os titulares atuaram naquela tarde e garantiram mais um troféu ao Tricolor. “São atitudes como essa que provam que, apesar da fama de durão e de ficar em cima dos jogadores, também era huma-

mo após seu afastamento do futebol em virtude de problemas de saúde, o Mestre gostava de acompanhar o time pela TV e guardava um desejo. “Pouco antes de seu falecimento, estive com ele, que me disse ainda ter vontade de voltar a treinar o São Paulo.”

Seria impossível Telê esconder sua identificação com o clube do Morumbi e vice-versa. “Os dirigentes Marcelo Portugal Gouvêa e Juvenal Juvêncio, sabendo de minha proximidade com o Telê, me incumbiram de representar o São Paulo perante sua família, colocando o clube à disposição para tudo que precisassem”, explica Caboclo, que gosta de definir o amigo como um homem simples, honesto e que tinha, no futebol, a grande paixão de sua vida.

# OS MESTRES



ACERVO GAZETA PRESS

**O PRIMEIRO CONTATO**

Embora poucos saibam, o Mestre comandou a seleção durante um treino nos anos 70, indicado por Carlos Caboclo a Oswaldo Brandão, então técnico do escrete



**Técnico mais idolatrado na história do São Paulo, TELÊ SANTANA construiu uma trajetória que o põe entre os grandes gênios do futebol de todos os tempos**



Por Eduardo Marques

Em 1985, em 21 de abril, feriado de Tiradentes, morreu de infecção generalizada o político mineiro Tancredo de Almeida Neves, que, pouco antes, havia sido eleito presidente do Brasil. Exatos 21 anos depois, partiu outro ilustre conterrâneo: Telê Santana da Silva, aos 74 anos, vítima de falência múltipla dos órgãos, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Os apreciadores do futebol-arte jamais se esquecerão dessa data, na qual o mundo despediu-se de um dos melhores comandantes da seleção brasileira e, sem dúvida, do maior técnico de todos os tempos do São Paulo. Persistente em recuperar o brilho que consagrou mundialmente o futebol do País, Telê demonstrou na prática que uma equipe refinada e disciplinada pode ser competitiva, admirada e vitoriosa.

Antes de vestir a tradicional camisa vermelha de "professor", usar o boné e o apito, o mineiro de Itabirito, nascido em 26 de julho de 1931, mostrou que entendia, e muito, do assunto. Debutou no esporte que mais adorava com 14 anos, no Itabiritense. Atuou em seguida pelo América de São José del Rey (MG), mas foi no juvenil do Fluminense do Rio de Janeiro que conquistou

o primeiro título marcante: o Carioca de 1950. Lançado no ano seguinte no time principal, não decepcionou. Marcou os dois gols do Tricolor carioca na vitória sobre o Bangu e ergueu a taça estadual ao lado de gigantes como Castilho e Didi. Ponta-direita 'veloz e de técnica diferenciada, inteligente do ponto de vista tático e insistente marcador, em pouco tempo Telê ficou conhecido, graças a seu porte físico - era bem magro -, sua perseverança e aplicação, como Fio de Esperança.

Com anos de atuação pelo clube das Laranjeiras, entrou para a galeria dos inesquecíveis goleadores da agremiação. No início deste século, em uma votação promovida pela revista *Placar*, especialistas o elegeram um dos cinco maiores jogadores da história do clube. Antes de parar de jogar, em 1965, Telê ainda envergou as camisas de Guarani, Madureira e Vasco. Como jogador, não disputou Copa do Mundo. Em sua época, a posição dele no time brasileiro tinha dono: Garrincha.

Telê assumiu as categorias de base do Fluminense em 1967. Passou a treinar os profissionais em 1969, conquistando o Campeonato Carioca. Um ano depois, no Atlético-MG, foi campeão estadual. Embalado pela série de conquistas, em 1971 levou o esquadrão

alvinegro de Dadá Maravilha ao primeiro título brasileiro, o mais importante do Galo até hoje. Ainda na década de 1970, Telê venceu mais um estadual. Sob sua batuta em 1977, o Grêmio quebrou uma série de títulos consecutivos do rival Internacional. Entre tantos presentes de gremistas pelo título gaúcho, o treinador ganhou um Passat TS. A preocupação dele ao receber o presente era saber se o carro vinha com o tanque cheio, uma alusão ao seu pão-durismo.

**NOVO DESAFIO**

A destacável carreira o levou ao comando da seleção brasileira. Aceitou o desafio em 1980 e classificou o Brasil para a Copa da Espanha, em 1982. Foi, aliás, a mais admirada e competitiva desde o tricampeonato mundial, em 1970. Apesar de impressionar o planeta com um futebol envolvente, o plantel de Telê, formado por Waldir Peres, Oscar, Júnior, Sócrates, Falcão, Zico e Serginho, entre outros, sucumbiu à Itália de Paolo Rossi. Telê terminou deixando o posto. Seguiu para o Oriente Médio, onde conquistou com o Al-Ahli o Campeonato Árabe, a Copa do Rei e a Copa do Golfo.

Descontentes com algumas experiências, os dirigentes brasileiros recorreram mais uma vez a ele. De volta, Telê levou da equipe de 1982 para

**TELÊ ETERNO**

**NO DETALHE**  
Afora a frase, um número marcante: a quantidade de títulos que Telê ganhou com o SPFC

FOTOS RUBENS CHIRI

a Copa do México, em 1986, os badalados Júnior, Zico e Sócrates. Em cinco partidas, o time fez dez gols e tomou apenas um, de Michel Platini, no empate da França com o Brasil no tempo normal, pelas quartas-de-final. Na disputa por pênaltis, os franceses foram mais felizes. O sonho do tetra com Telê foi adiado.

Nos anos seguintes, críticas injustas e maldosas de alguns cronistas esportivos e boleiros quase desestabilizaram o técnico. Rotularam-no de "pé-frio". No entanto, ele seguiu. Foi campeão mineiro com o Atlético, em 1988, e, um ano depois, conquistou a Taça Guanabara com o Flamengo. A grande resposta aos ferrenhos críticos, porém, veio na década seguinte.

Telê chegou ao Morumbi em 1990, quando conheceu e preparou uma safra de atletas

para futuras competições. No primeiro desafio, o título brasileiro escapou. Ficou com o Corinthians. Mas, a partir do ano seguinte, ele ajudou a escrever um brilhante capítulo da história do São Paulo Futebol Clube. Que ganhou tudo sob seu comando. Em 1991, o Tricolor conquistou o tricampeonato brasileiro, superando o Bragantino. Carregado por são-paulinos eufóricos, ele desabafava: "Cadê o pé-frio? Onde está o pé-frio?"

No mesmo ano, abocanhou o Paulistão, batendo com maestria o Corinthians. Telê, contudo, não deixou de criticar a violência no esporte, exigir qualidade nos gramados (como a famosa mania de "experimentar" a grama), contestar a aplicação das regras por alguns árbitros e trabalhar para que o futebol brasileiro reencontrasse a confiança e exaltasse seu diferencial. Ele dedicou-se integralmente ao São Paulo, foi um "paizão" para dezenas de atletas, ganhou o apoio de milhares de são-paulinos e recolocou o futebol brasileiro no seu devido lugar. Rogério Ceni, atual capitão tricolor, não esconde que aprendeu com Telê "o melhor jeito de bater na bola".

#### ROTA INTERNACIONAL

Há quase uma década, os clubes brasileiros sentiam falta de uma conquista internacional expressiva. As últimas haviam acontecido em 1983, quando o Grêmio de Renato Gaúcho foi campeão da América e do mundo. Mas o São Paulo de 1992, sob o comando de Telê,

bateu o Newell's Old Boys no tempo normal e na disputa por pênaltis, levantando, pela primeira vez, a Taça Libertadores da América. Ainda naquele ano, o São Paulo venceu o Barcelona por 4 a 1 na final do Troféu Tereza Herrera e o Real Madrid por 4 a 0 na decisão do Ramón de Carranza, torneios ocorridos na Espanha. No fim de 1992, em Tóquio, no Japão, num jogo espetacular, o Tricolor voltou a derrotar o Barcelona por 2 a 1. Foram dois golaços de Raí. Dez anos depois da derrota da encantadora seleção na Copa da Espanha, Telê finalmente conseguiu um título mundial.

Com muita competência, o clube do Morumbi repetiu a dose em 1993. Sagrou-se bicampeão da Libertadores da América diante dos chilenos do Universidad Católica, no Chile, e conquistou outros títulos importantes, como a Supercopa e a Recopa. De volta ao Japão, Telê e seus "alunos" garantiram a segunda estrela vermelha na camisa são-paulina. Foi uma vitória incontestável sobre o Milan por 3 a 2.

O Vélez Sarsfield, da Argentina, levou a Libertadores de 1994 nos pênaltis, em pleno Morumbi, mas, na mesma temporada, o time de Telê faturou a Recopa e a Conmebol. A última das 22 conquistas dele com o São Paulo foi a Copa de Clubes Brasileiros Campeões Mundiais em 1995. A propósito, em 29 de abril de 2006, antes de golear o Santa Cruz por 4 a 0 pelo Brasileirão, o atual elenco do São Paulo homenageou o treinador,

**"ELE FEZ SÓCRATES E RAÍ, IRMÃOS E ÍDOLOS NO FUTEBOL, NA BASE DA CONVERSA, JOGAREM SOB SEU COMANDO COMO JAMAIS JOGARAM NEM ANTES NEM DEPOIS"**

JUCA KFOURI

#### ALGUNS TÍTULOS DE TELÊ COMO JOGADOR

1950 - Campeão Carioca Juvenil (Fluminense)  
1951 - Campeão Carioca (Fluminense)  
1952 - Campeão da Copa Rio (Fluminense)

1957 - Campeão do Rio-São Paulo (Fluminense)  
1959 - Campeão Carioca (Fluminense)  
1960 - Campeão do "Roberto Gomes Pedrosa" Rio-São Paulo (Fluminense)

#### ALGUNS TÍTULOS DE TELÊ COMO TREINADOR

1967 - Campeão Carioca Juvenil (Fluminense)  
1968 - Campeão Carioca Júnior (Fluminense)  
1969 - Taça Guanabara (Fluminense)  
1969 - Campeão Carioca (Fluminense)  
1970 - Campeão Mineiro (Atlético)  
1971 - Campeão Brasileiro (Atlético)  
1977 - Campeão Gaúcho (Grêmio)  
1983 - Campeão Árabe (Al Ahli)  
1984 - Copa do Rei (Al Ahli)  
1985 - Copa do Golfo (Al Ahli)  
1988 - Campeão Mineiro (Atlético)  
1989 - Taça Guanabara (Flamengo)  
1991 - Campeão Paulista (SPFC)  
1991 - Campeão Brasileiro (SPFC)  
1991 - Troféu Cidade de Barcelona (SPFC)  
1992 - Campeão Paulista (SPFC)  
1992 - Campeão da Taça Libertadores da América (SPFC)  
1992 - Campeão Mundial de

Clubes (SPFC)  
1992 - Taça Cidade de Barcelona - Espanha (SPFC)  
1992 - "Ramón de Carranza" - Espanha (SPFC)  
1992 - "Tereza Herrera" - Espanha (SPFC)  
1993 - Troféu Cidade de Santiago - Chile (SPFC)  
1993 - Campeão da Taça Libertadores da América (SPFC)  
1993 - Campeão da Supercopa Libertadores (SPFC)  
1993 - Campeão da Recopa Sul-Americana (SPFC)  
1993 - Torneio Santiago de Compostela - Espanha (SPFC)  
1993 - Torneio Jalisco - México (SPFC)  
1993 - Torneio Cidade de Los Angeles - EUA (SPFC)  
1993 - Campeão Mundial de Clubes (SPFC)  
1994 - Taça San Lorenzo de Almagro - Argentina (SPFC)  
1994 - Campeão da Recopa Sul-Americana (SPFC)  
1994 - Campeão da Conmebol (SPFC)  
1995 - Torneio "Rei Dadá" (SPFC)  
1995 - Copa de Clubes Brasileiros Campeões Mundiais (SPFC)

vestindo camisas pretas com o número 22 nas costas – referente aos títulos dele no clube – e a frase Telê Eterno.

Com as glórias na década de 1990, ele foi chamado de Grande Mestre por torcedores e jogadores. Suas lições se transformaram em exemplos para uma nova fase do futebol, coincidentemente quando o País obteve conquistas históricas com a seleção e outros clubes. Além disso, o talento do jogador brasileiro voltou a ter o devido respeito.

Em 1996, um acidente vascular cerebral comprometeu seus movimentos e o impediu de continuar trabalhando. Mestre Telê retirou-se do cenário futebolístico para cuidar da saúde. Nos últimos dez anos de vida, a família sempre esteve ao lado dele. E, em 2000, foi publicada a biografia de Telê:

*Fio de Esperança*, escrita pelo jornalista André Ribeiro. No prefácio, Juca Kfourri sintetiza: "Ele fez Sócrates e Raí, irmãos e ídolos no futebol, na base da conversa, jogarem sob seu comando como jamais jogaram nem antes nem depois".

Telê acompanhou pela televisão as finais da Libertadores e do Mundial de Clubes de 2005 que coroaram o Tricolor. Chegou a emocionar-se com as conquistas e as homenagens recebidas com bandeiras e frases do tipo: "Telê Eterno" e "Olê, olê, olê, olê, Telê, Telê", coro, aliás, sob o qual foi sepultado no dia 22 de abril, em Belo Horizonte. Enquanto o caixão descia com o corpo de Telê, seu filho, Renê, fazia uma emocionante despedida: "Vai com Deus, pai. Vai em paz. Descanse tranquilo, porque sua missão aqui está cumprida."

# COPA DO MUNDO 2006



FOTOS RUBENS CHIRI

Apesar de muita gente pedir **ROGÉRIO CENI** na seleção, sua convocação não estava garantida. A novela terminou apenas em 15 de maio, quando Parreira divulgou a lista mais esperada dos últimos tempos

# GO

## Por Alessandro Gonçalves

Não importa a época. Quando Copa do Mundo se aproxima, crescem as expectativas. A primeira delas gira em torno da lista do técnico. Aquele atleta adorado entre torcedores, mas que ainda é dúvida na opinião do treinador, torna-se o responsável por uma porção de pontos de interrogação na cabeça de todo mundo. O Brasil viveu esse clima em 2002. Apesar de o País dividir-se em relação ao atacante Romário, Luiz Felipe Scolari, hoje no comando de Portugal, não teve nenhuma dúvida. Deixou o principal nome do tetracampeonato, conquistado em 1994 nos Estados Unidos, fora do mundial realizado na Ásia. Para a sorte de Felipão, a seleção fez bonito, trazendo o tão comemorado pentacampeonato, o que calou os críticos de plantão.

Depois de quatro anos, mais uma vez os convocados para a Copa da Alemanha causaram certa ansiedade. As polêmicas dividiram-se em quatro setores: zaga, lateral-esquerda, ataque e gol, posição que gerou, na nação tricolor, forte esperança de ver seu principal ídolo entre os selecionáveis, pois, entre os arqueiros mais experientes, estavam cotados Dida, do Milan; Marcos, do Palmeiras; e Rogério Ceni, do São Paulo. Entre os mais jovens, tinham chances Júlio César, da Internazionale de Milão; e Gomes, do PSV Eindhoven, apesar de, neste caso, todos os ventos soprarem na direção do primeiro.

Embora muitos contestem a presença de Dida, ele sempre foi homem de confiança de Parreira, comandante do tetra. O pentacampeão Marcos seria outro nome certo. O palmeirense, entretanto, teve uma série de lesões que tornaram sua convocação uma incógnita. O também pentacampeão Rogério Ceni corria por fora. Nos últimos anos, como Parreira pouco o convocou para participar de jogos oficiais, o

goleiro-artilheiro não teve exposição suficiente com a camisa número um da seleção. Até que, este ano, o técnico deu-lhe uma chance, quando o Brasil enfrentou a Rússia em condições bastante adversas na fria Moscou. A temperatura, para que se tenha idéia, chegou a 17º negativos. Com Dida, Marcos e Júlio César entregues ao departamento médico de seus clubes, Rogério fora incumbido da missão de defender as cores nacionais nesse amistoso pouco confortável, jogado no Lokomotiv Stadium. Contudo, pelo que mostrou em campo, impressionou Parreira. "Acredito que, a partir daquele jogo, minhas chances aumentaram", afirmou Rogério Ceni dois

reia dele desde os tempos de juniores, conquistou a confiança até de torcedores de times adversários. O padre corintiano Marcelo Rossi, depois de uma partida disputada no começo do ano no Estádio do Morumbi, fez um apelo. "O Rogério precisa ser convocado para a seleção", pediu. "Não para fazer parte do grupo, mas para ser titular no lugar de Dida." Pouco antes, mais precisamente em dezembro de 2005, Parreira admitiu que estava num momento difícil quanto à escolha dos goleiros. "Minha situação é complicada: temos o Dida, que já foi campeão europeu, e o Marcos, que já foi campeão do mundo", ponderou. "Tenho até maio para pensar."

do ex-tricolor Serginho, hoje no Milan (ITA). No ataque, a disputa era entre Nilmar, do Corinthians; Ricardo Oliveira, outro do Tricolor; e Fred, do Lyon (FRA); que terminou vencendo a "batalha". Com Dida garantido no gol, a briga, no bom sentido, era entre Ceni e Marcos. O felizardo terminou sendo o goleiro-artilheiro. Em virtude de lesões, o arqueiro do Palmeiras acabou excluído. "Lamento o fato de o Marcos não ir, pois ele é descontraído, alegre. Sempre anima o grupo", declarou o escolhido.

Apesar do desejo geral em torno de seu nome, Ceni não se deixou contagiar pela atmosfera. Recebeu a notícia da convocação com muita felicidade, sim. Mas com os pés no chão, afirmando que encararia a oportunidade com profissionalismo. "Estou bem e espero poder ajudar o grupo de alguma forma." O elenco para esta Copa, aliás, é bastante conhecido de Ceni. O goleiro, afinal, encontrou muitos desses atletas no próprio clube. Já jogou com Cicinho, Kaká, Cafu e Ricardinho. E, atualmente, é companheiro de Mineiro, jogador convocado em 31 de maio em virtude de uma contusão no joelho direito de Edmilson, outro ex-colega de Tricolor. Além desses, trabalhou com o próprio técnico Parreira, que já esteve no comando do clube do Morumbi e com quem diz nunca ter tido nenhum atrito, contrariando boatos de uma possível rusga entre eles. "Nunca houve o menor problema entre nós e jamais disse nada do Zagallo", esclareceu.

Em meio a tantos craques, Rogério Ceni acha que será extremamente difícil ter espaço para fazer, pela seleção, os gols que tanta alegria dá aos são-paulinos. "Se jogar na Copa já é difícil, bater falta será mais ainda", acredita. "Não vejo isso como prioridade lá." Apesar de ter festejado a convocação, ele terá de superar um ponto triste: permanecer longe da família, principalmente das filhas pequenas. "Vou usar a internet para matar saudade."

### PARTICIPAÇÕES ANTERIORES NA SELEÇÃO

Campeão da Copa das Confederações (1997), amistosos (1998/99), jogos eliminatórios para a Copa do Mundo (2000/01), pentacampeão do Mundo da Copa da Ásia (2002) e amistoso contra a Guatemala (2005)

### CARACTERÍSTICAS

Elasticidade para defender sob as traves, boa colocação e reposição de bola, além de extrema habilidade para bater faltas e pênaltis

dias antes de apresentar-se à comissão técnica nacional.

Mas quem o acompanha envogando o manto tricolor sabe que, há tempos, ele vem atuando bem. No Mundial Interclubes em 2005, na grande final contra o Liverpool, operou pelo menos um legítimo milagre. Praticou inacreditável defesa após Steven Gerrard bater, com maestria, uma falta próxima da grande área tricolor. A bola entraria no ângulo esquerdo, não fosse a mão salvadora do arqueiro brasileiro. "Vivi a expectativa do gol até o último minuto. Mas vencer um goleiro desses é muito difícil", declarou Rafa Benítez, técnico do Liverpool, depois do confronto. Na Libertadores que consagrou o São Paulo na temporada passada, Ceni também foi muito exigido. Afora as ótimas performances sob as traves, destacou-se balançando as redes. Como se fosse um meia habilidoso, cobrou infrações de maneira perfeita.

Acumulando todas essas proezas no currículo, além da regularidade que permeia a car-

### SEM EXPECTATIVA, SEM SOFRIMENTO

Durante o período em que o Brasil inteiro aguardava a famosa lista, Ceni manteve-se tranquilo. "Foi possível ficar assim porque não criei nenhuma expectativa." Esse, no entanto, não foi exatamente o espírito dos brasileiros. Todos queriam saber logo quem seriam os favoritos de Parreira. As surpresas esperadas, tendo em vista o trabalho que o treinador realizou ao longo dos últimos anos, eram mínimas. Afora decidir-se pelos goleiros, deveria escolher alguns atletas para três setores. Quando divulgou a relação, poucos foram os jogadores que despertaram alguma crítica contundente por parte da crônica esportiva ou da população. Na zaga, deixou Roque Júnior, do Bayer Leverkusen (ALE), fora, incluindo Cris, do Lyon (FRA). Para a lateral-esquerda, preferiu Gilberto, do Hertha Berlim (ALE), em lugar de Gustavo Nery (Corinthians), bastante cotado, do são-paulino Júnior, cujo nome chegou a ser cogitado; e

# COPA DO MUNDO 2006



Chamado de última hora para substituir o ex-são-paulino Edmilson, com problemas no joelho direito, **MINEIRO** encara a convocação com muita tranquilidade e afirma que espera engrandecer ainda mais o nome do Tricolor

# MINEIRO,

Por Carlos Mesquita

Na final do Mundial Interclubes em 2005, Mineiro despontou como o grande nome. Num momento que ninguém esperava, ele surpreendeu como se fosse um centroavante. Perto da grande área do Liverpool, recebeu ótimo passe de Aloísio, passou entre os zagueiros adversários e marcou o tento que deu o tricampeonato ao São Paulo Futebol Clube. Com seu jeito discreto, tímido e centrado, fez aquele gol de ouro. E agora, mais uma vez como elemento-surpresa, acaba de retornar à seleção - convocado por Carlos Alberto Parreira em lugar de Edmilson, que teve um problema no joelho direito, em 31 de maio - para participar da Copa da Alemanha. "Não gostaria que fosse assim. Não esperava, mas estou muito feliz", afirmou o jogador, pouco depois de saber que fora chamado, ao site oficial do São Paulo. "Espero engrandecer o nome do Tricolor."

Apontado como um dos grandes volantes em atividade no País, Mineiro há tempos chama a atenção de torcedores e imprensa. Mas, embora seu nome sempre fosse citado em debates sobre futebol, sua convocação teve dois aspectos interessantes a serem considerados. Durante os meses que antecederam a lista de Parreira, o jogador foi pouco comentado pelo treinador, apesar da regularidade e das ótimas exibições pelo São Paulo. Se, por um lado, sua convocação despertou algum tipo de espanto, já que era mais óbvio imaginar que, numa situação de emergência, Parreira recorreria a Renato, do Sevilla (ESP), ou a Edu, do Valencia (ESP), por outro não há perplexidade alguma: Mineiro é craque e tem lugar em qualquer selecionado. "Não quero discutir sobre os critérios que o Parreira usou, quero apenas trabalhar."

A situação em que ele ficou sabendo que ia à Copa foi curiosa. Era por volta de

meio-dia. Concentrados para o jogo contra o Fluminense, que ocorreu na noite de 31 de maio no Estádio do Morumbi, os jogadores se encontraram no refeitório do CT da Barra Funda. A princípio, ninguém não sabia se a informação era verdadeira ou não. "Ele estava do meu lado quando o Juca, assessor de imprensa do São Paulo, o avisou", revelou Souza. "No começo, o Mineiro achou que era brincadeira." Mas logo o episódio foi esclarecido. "Todos ficamos felizes quando soubemos que não era um blefe, principalmente eu", comemorou, discretamente, Mineiro. De acordo com o técnico Muricy Ramalho, enquanto os companheiros faziam festa, quase soltando rojões, Mineiro acompanhava

#### PARTICIPAÇÕES ANTERIORES NA SELEÇÃO

Copa das Confederações (2000), amistoso contra a Guatemala (2005) e eliminatórias para a Copa do Mundo de 2006

#### CARACTERÍSTICAS

Voluntarioso, marcador e tem boa saída de bola; além disso, é conhecido pela calma

a movimentação com extrema tranquilidade. "Ele parecia que estava de malas prontas para ir a um retiro (*risos*)", brincou o comandante, que foi mais longe: "Nos treinos, o Mineiro vai convencer o Parreira que deve ser titular. Outros jogadores que foram em condição semelhante a Copas anteriores brilharam". Aliás, Muricy, na partida diante do Tricolor carioca, a última antes de o volante partir para a Europa, deu-lhe como presente a targa de capitão. "Falei que ele seria o dono do time naquela noite." Na transmissão do jogo pela rádio CBN, o eterno ídolo são-paulino Raí comentou a convocação de Mineiro. "Merece tudo que está vivendo. Durante toda a sua carreira, não teve grandes oportunidades como essa, mas, mesmo assim, conseguiu vencer."

#### A TRAJETÓRIA

Nascido em 2 de agosto de 1975 na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande

do Sul, começou a jogar bola com um de seus irmãos nas categorias de base do Internacional. Mas foi em São Paulo que se estabeleceu no futebol. Estreou como profissional no Rio Branco de Americana. Na seqüência, defendeu Guarani e Ponte Preta. Na Macaca, ficou por seis temporadas. Lá, recebeu sua primeira convocação para vestir a amarelinha. Naquela oportunidade, foi lembrado por Emerson Leão, então técnico do selecionado, e participou do jogo contra o Peru, válido pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2002.

Em 2004, Mineiro foi contratado pelo São Caetano e sagrou-se campeão estadual. Um ano depois, aportou no Morumbi e escreveu seu nome na história do clube. Elemento

indispensável ao time, ganhou Campeonato Paulista, Libertadores da América e Mundial Interclubes. No Tricolor, Mineiro voltou a ser lembrado por um técnico da seleção. Parreira o convocou em março de 2005 para as partidas contra Peru e Uruguai, eram jogos pelas Eliminatórias do Mundial da Alemanha. Em abril, esteve no amistoso diante da Guatemala.

Com um currículo dessa envergadura, muita gente diz que Mineiro é um predestinado, rótulo que ele rejeita. "Me considero um abençoado." Como sempre, o volante demonstra calma. Sobre a possibilidade de ser titular no meio-de-campo da seleção, garante que vai esperar as coisas acontecerem de maneira natural, como sempre foi em sua vida. Obviamente, sua família ficou muito alegre, sobretudo seu filho de 4 anos. "Fiquei feliz porque ele é fã do Ronaldinho e eu terei a oportunidade de estar ao lado desse craque", relatou com humildade.

Marco Aurélio Cunha, supe-

rintendente de Futebol do São Paulo, na entrevista concedida à **Revista Oficial** para esta edição, fez duas observações quanto à lista de Parreira. Mesmo elogiando-a, achou que Júlio Baptista poderia ter ficado com a vaga de Ricardinho e que Mineiro deveria ter tido uma chance, embora tenha concordado com a presença de todos os volantes. Na opinião dele, o espírito do atleta tricolor faria falta ao plantel. A esta altura, Marco Aurélio deve estar feliz da vida, como todos os brasileiros que torceram por Mineiro.



#### A LISTA DE PARREIRA

##### Goleiros

Dida (Milan)

Júlio César (Inter-ITA)

##### ROGÉRIO CENI (SÃO PAULO)

##### Laterais-direitos

Cafu (Milan)

Cicinho (Real Madrid)

##### Laterais-esquerdos

Roberto Carlos (Real Madrid)

Gilberto (Hertha Berlim)

##### Zagueiros

Juan (Bayer Leverkusen)

Lúcio (Bayern de Munique)

Luisão (Benfica)

Cris (Lyon)

##### Volantes

##### MINEIRO (SÃO PAULO)

Emerson (Juventus)

Gilberto Silva (Arsenal)

Zé Roberto (Bayern de Munique)

##### Meias

Juninho Pernambucano (Lyon)

Kaká (Milan)

Ronaldinho (Barcelona)

Ricardinho (Corinthians)

##### Atacantes

Ronaldo (Real Madrid)

Adriano (Inter de Milão)

Robinho (Real Madrid)

Fred (Lyon)

#### CURIOSIDADE

Apesar de ser gaúcho, Carlos Luciano da Silva ficou conhecido como Mineiro porque herdou o apelido do irmão do meio, André Alexandre Silva da Silva, com quem chegou a jogar nas categorias de base do Internacional, time em que começaram. Por ser muito parecido com um lateral-esquerdo chamado Cláudio Mineiro, que havia defendido o clube, o garoto recebeu o apelido. Quando Carlos entrou no time, foi inevitável não chamá-lo da mesma forma que o irmão.

Por Onde Anda

**ANTES**  
Nos tempos de atleta, festejando um gol com Serginho Chulapa...

ACERVO GAZETA PRESS

# Senhor da zaga

**Um dos melhores zagueiros-centrais que o futebol mundial viu em ação, OSCAR BERNARDI defendeu a seleção em três Copas. Em duas, foi titular absoluto**

Por Fernando Savaglia  
Colaborou Raul Snell Jr.

José Oscar Bernardi iniciou carreira atuando em equipes da região do sul de Minas Gerais, perto da cidade de Monte Sião, onde nasceu. Por conta das qualidades técnicas e do espírito de liderança que possuía, diversas vezes usou a tarja de capitão das agremiações que defendeu. No começo dos anos 70, foi descoberto por Mário Juliato, na época treinador das divisões de base da Ponte Preta, que o convidou a ingressar no time juvenil do time campineiro.

Dos juniores ascendeu ao plantel principal em 1973 e, quatro anos depois, chegou perto de conquistar seu primeiro título estadual. Numa final em três jogos contra o Corinthians, a Ponte Preta, apesar de ser muito mais técnica que o time da capital, acabou derrotada numa das mais polêmicas decisões de toda a história do Campeonato Paulista.

"Até hoje, não me conformo com o fato de termos feito os três jogos da final na capital, mesmo nossa campanha sendo bem melhor que a deles", recorda-se. "Afora isso, expulsaram nosso centroavante logo no começo." Ele destacou-se tanto que acabou disputando a Copa de 1978, na Argentina, como titular da camisa três. "Naquela época, o futebol do interior era mais forte e valorizado. Além de mim, o Carlos e o Polozzi, que jogavam na Ponte, mais o Amaral, que era do Guarani, também atuavam na seleção."

Em 1979, Oscar transferiu-se para o Cosmos de Nova York. Os americanos contavam na época com uma verdadeira legião estrangeira. Vários astros consagrados davam sua contribuição ao emergente futebol dos Estados Unidos. "Foi uma experiência muito boa, embora eu tenha atuado

durante aquela temporada com um problema muscular", revela o ex-defensor.

No princípio da década de 1980, a diretoria tricolor investiu pesado para montar um grande esquadrão. Com vários craques em cada posição, faltava ao clube do Morumbi um nome consagrado para a zaga-central. Contratado no segundo semestre de 1980, Oscar estreou em 5 de agosto num amistoso no qual o São Paulo venceu o Palmeiras por 4 a 0.

Quatro dias depois, foi a vez de o Corinthians ser derrotado pela máquina são-paulina pelo mesmo placar. Com Dario Pereyra, Oscar formou uma das mais espetaculares duplas de zaga da história do Tricolor. "O Dario chegou como médio-volante e depois acabou sendo recuado e atuando ao meu lado como quarto-zagueiro", relembra. "Ele sabia tudo de futebol e a gente se entrosou muito bem." O que se percebe pela quantidade de títulos que, juntos, conquistaram. Foram quatro vezes campeões paulistas (1980, 1981, 1985 e 1987) e tiveram participação fundamental no título do Brasileiro de 1986.

#### O EMPRESÁRIO

O zagueiro-central fez parte de uma das mais fantásticas seleções nacionais. Por uma dessas razões inexplicáveis do futebol, o plantel comandado por Telê Santana acabou não se sagrando campeão na Espanha em 1982. Aquele time, porém, segue sendo lembrado como um dos mais poderosos que o Brasil teve. Oscar era habilidoso cabeceador, tanto que a maioria de seus gols nasceu de cruzamentos na área. Um deles, defendendo a seleção naquela Copa, acabou marcando sua carreira. "Fiz o da virada contra a Escócia na vitória por 4 a 1. Balançar as redes numa Copa do Mundo

é muito gratificante", diz. "Me lembro que, na hora do gol, estava tão feliz que não sabia nem como comemorar."

Oscar, entretanto, não esconde sua decepção em relação à inesperada derrota contra a Itália. "O nosso vestiário ficou num clima de velório após a partida. Foi muito triste porque estávamos confiantes", explica o ex-atleta, que ainda foi convocado para a Copa do Mundo de 1986, no México.

Após deixar o São Paulo, em 1987, Oscar foi um dos primeiros jogadores brasileiros a transferir-se para o futebol japonês. "Era curioso porque alguns companheiros do clube em que eu jogava, o Yokohama Marinos, trabalhavam durante a manhã em empresas e à tarde jogavam futebol", afirma. "Costumo brincar dizendo que peguei a carne de peixe. Já o Zico, que foi para lá alguns anos depois, ficou com o filé mignon", diverte-se.

O ex-defensor iniciou a carreira de técnico de futebol no próprio Yokohama, chamado posteriormente de Nissan. No seu retorno ao Brasil, chegou a ser auxiliar-técnico de Telê Santana no São Paulo antes de treinar algumas das principais equipes da Arábia Saudita, entre elas o Al Ittihad, que, no fim, de 2005, enfrentou o Tricolor no Mundial de Clubes da Fifa. Essa relação com os árabes durou até o ano passado, com o treinador dividindo seu tempo entre o Brasil e o Oriente Médio.

Hoje, o ex-capitão do Tricolor resolveu abandonar a carreira de treinador para investir num resort esportivo em Águas de Lindóia, o Oscar Inn. Lá, conta com um complexo que é um centro de formação de novos atletas. Oscar recebe futebolistas do Brasil e do mundo todo. Além disso, há pouco obteve uma credencial da Fifa para ser empresário e auxiliar jovens atletas.

#### RAIO X

# JOSÉ OSCAR BERNARDI

**Nascimento:** 20/06/1954

**Local:** Monte Sião (MG)

**Jogos disputados pelo SPFC:** 292

**Gols feitos pelo clube:** 15

**Títulos conquistados pelo Tricolor:**

Campeonato Paulista de 1980, 1981, 1985 e 1987 e Campeonato Brasileiro de 1986

**Outros times:** Ponte Preta (SP), Cosmos de Nova York (EUA) e Nissan (JAP)



RUBENS CHIRI

#### HOJE

...e atualmente participando de um Encontro de Ex-Jogadores do SPFC

**ESTILO INCONFUNDÍVEL**

Tem técnica e faz belos gols, como os craques do passado

**THIAGO RIBEIRO**

**Nascimento:**

24/02/1986

**Local:** Pontes Gestal

Gestal

**Altura:** 1,84m

**Peso:** 74 kg

**Ex-clubes:** Rio Branco de Americana (2001) e Bordeaux (2004)

**Título:** Mundial Interclubes (2005)

FOTOS RUBENS CHIRI

# À moda antiga

**Apesar da pouca idade, THIAGO mostra maturidade para lidar com o sucesso e crescer ainda mais na profissão em que começou como nos tempos românticos: nos campos de várzea**

Por Denis Moreira  
Entrevista Carlos Mesquita

O atacante Thiago Ribeiro, um dos destaques do São Paulo nesta temporada, é uma espécie de jogador em extinção. Com um estilo técnico, demonstrado em dribles, arrancadas e chutes venenosos, o paulista de Pontes Gestal é um autêntico representante de um

tempo em que a habilidade se sobrepunha à força nos gramados: jornalistas esportivos já o compararam a Pagão, estrela do São Paulo e do Santos nas décadas de 1950 e 1960. Em virtude desses atributos, o garoto de 20 anos de idade vem sendo apontado como uma das boas promessas do futebol brasileiro para os próximos anos.

Coincidentemente ou não, o início de Thiago no futebol deu-se exatamente como o dos antigos craques brasileiros. Em vez de frequentar uma escolinha de futebol, como a maioria dos jogadores atuais, deu os primeiros chutes em um campinho de terra, jogando peladas com seus amigos. Por destacar-se, entrou para o time da cidade aos 13 anos

e passou a disputar torneios amadores.

O esporte começou a tornar-se uma perspectiva de realização profissional para o atacante quando, dois anos depois, foi aprovado para ingressar nas categorias de base do Rio Branco de Americana, no interior paulista, que forneceu ao futebol recentemente craques como Flávio Concei-

ção, Marcos Assumpção e Marcelinho Paraíba. "Joguei lá por três anos. Passei pelo infantil, juvenil e júnior até chegar ao profissional."

Em 2004, Thiago foi um dos pontos altos da equipe na Taça São Paulo de Futebol Júnior e, pouco depois, no Campeonato Paulista. As boas performances despertaram o interesse de grandes clubes do Brasil e do exterior. O francês Bordeaux levou a melhor e o contratou para disputar o torneio local. Após um ano na Europa, desgostoso com as poucas oportunidades, decidiu retornar ao Brasil e assinou contrato com o Tricolor.

"Eu fazia dez jogadas boas no treino, mas, quando uma saía errado, o treinador só falava a respeito dela. Dava para perceber que ele tinha uma birra, não só comigo, mas também com o Deivid (*atacante, ex-Corinthians e Santos*), que também estava lá", afirma, referindo-se ao francês Michel Pavon, ex-jogador do próprio Bordeaux. Com Thiago no banco de reservas, a agremiação não foi bem no certame. Livrou-se do rebaixamento apenas por causa de uma combinação favorável de resultados.

### EXPERIÊNCIA

Além da falta de chances para mostrar seu futebol, Thiago também assinala como ponto negativo em sua estada na França a ausência de calor humano. "Tenho a impressão de que a maior parte não ia muito com a minha cara. Não é que me tratavam mal, mas eram frios comigo. Não passavam de 'bom dia', 'boa tarde' e 'boa noite'", relata.

Outra barreira, segundo ele, foi o idioma. Por não saber falar francês em seus primeiros tempos no Bordeaux, era difícil até entender o que deveria fazer em campo. "Foi complicado. Às vezes, o treinador falava para eu jogar pela direita, mas ia pela esquerda. Man-

dava segurar a bola, e eu partia para cima dos zagueiros." A situação melhorou somente depois de alguns meses, quando já dominava razoavelmente a língua.

Apesar dos problemas, Thiago não se queixa de sua passagem pelo futebol da Europa. De acordo com ele, o fato de ter saído sozinho do Brasil aos 18 anos para trabalhar em um clube e um país estranhos, com uma escola futebolística totalmente diferente da nossa, foi uma experiência inigualável para quem viveu a infância e o início da adolescência no pacato interior de São Paulo. "Foi bom para mim em termos de experiência de vida, de ficar longe de casa e da família. Aprendi a me virar sozinho. Além disso, também sei falar outra língua", revela. "Mas não consegui aparecer, ter seqüência de jogo. Foi o principal motivo pelo qual voltei."

Antes de ser contratado pelo São Paulo, Thiago Ribeiro até foi cogitado pelo Palmeiras. "Quando o Jair Picerni era treinador, li em uma matéria do *Lance!* (*diário esportivo*) que ele citou meu nome e de dois outros jogadores para possíveis contratações. Mas nem eu nem meu empresário fomos procurados. Disseram que eu treinei lá, mas nunca passei nem pela porta", assegura.

### NO TRICOLOR

Thiago aportou no Morumbi discretamente. Chegou em agosto de 2005 com Christian, mas jogou pouco. Mais adiante, o setor ainda recebeu o gigante Aloísio, que, ao lado de Amoroso, formou o ataque no Mundial Interclubes. Na temporada atual, com a saída de vários atletas de seu setor, ele poderia facilmente conquistar uma vaga entre os titulares. O clube, porém, contratou reforços de peso para a posição, como Alex Dias (*ex-Vasco*), Leandro (*ex-Fluminense*) e Lima (*ex-Al Ittihad*), além de ter fechado com Ricardo Oliveira,

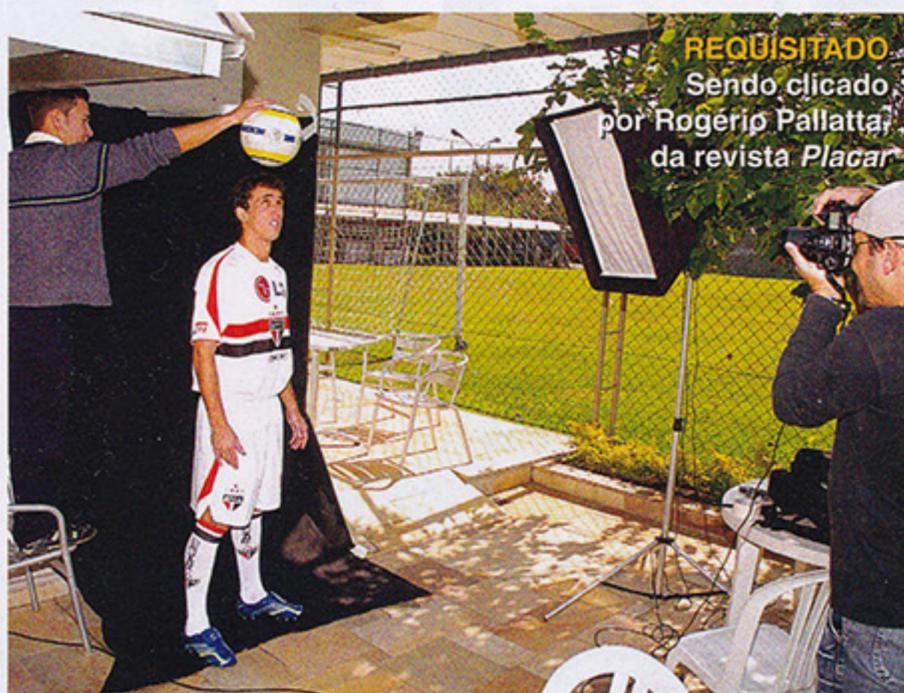
emprestado pelo Betis. Mesmo disputando com tantas feras, Thiago sobressaiu, fazendo boas exhibições e marcando tentos importantes, como os dois diante do Palmeiras, pelo Paulista, e o golaço contra o Cienciano, pela Libertadores.

Atualmente, Thiago é um dos xodós da torcida. E, com ótimas exhibições, tem enchido de orgulho a família e os amigos. "Eles vivem me ligando, satisfeitos pelo momento que passo. Muitos diziam que era praticamente impossível chegar onde estou. Agradeço a Deus e espero poder dar continuidade e crescer."

Apesar da badalação da imprensa e do carinho da nação tricolor, o jogador sabe que ainda tem muito a desenvolver. Cerca de três vezes por semana, após os treinos, ele costuma praticar, sozinho, finalizações e cabeceios, que, segundo Muricy Ramalho, são seu principal defeito. "Não vou dizer que é minha especialidade. Prefiro jogar com a bola no chão. Mas, com esse treinamento, tenho tudo para melhorar e ter sucesso no jogo aéreo", comenta. "É importante, pois a bola parada está decidindo vários jogos", declara o atacante.



**MOMENTOS DE LAZER**  
Na concentração, a internet é uma boa pedida



**REQUISITADO**  
Sendo clicado por Rogério Pallatta, da revista *Placar*

# Irmão de zagueiro... zagueiro é

Contratado no fim de 2005, o jovem **ALEX SILVA** chegou altamente credenciado, pois, além do talento e do biótipo bastante adequado à sua função, é de uma família de tradição no futebol

Por Denis Moreira

Sócrates e Raí, os holandeses Frank e Ronald De Boer, os dinamarqueses Brian e Michael Laudrup. Não são muitos os casos de irmãos que jogam futebol profissionalmente e construíram, na mesma proporção, carreiras bem-sucedidas. Apesar disso, Alex Silva, zagueiro de 21 anos contratado pelo São Paulo no segundo semestre de 2005, quer fazer parte dessa tradição. Com passagens por Ponte Preta, Vitória da Bahia e Rennes (França), o jogador está seguindo os passos do mano mais velho, Luisão, do Benfica (Portugal), convocado para a seleção brasileira que disputa a Copa do Mundo da Alemanha.

"Nosso sonho é, um dia, fazer dupla de área. Se Deus quiser, no time que vai à Copa de 2010", afirma, esperançoso, uma das opções do técnico Muricy Ramalho para a defesa. Tanta esperança tem sua razão de ser. Luisão, afinal, é

**PAREDÃO**  
Foi eleito o destaque da equipe na Taça São Paulo de Futebol Júnior

um dos melhores zagueiros da atualidade. Por sua vez, Alex Silva também já vestiu a camisa amarela. Em 2004, foi convocado várias vezes para defender o Brasil na categoria Sub-20, chegando a integrar o grupo que disputou o Sul-Americano e o Mundial.

Além de serem defensores e já terem sido chamados para a seleção, Luisão e Alex Silva guardam outras coincidências em suas trajetórias. Nascidos na cidade de Amparo, no interior paulista, começaram a jogar bola por influência do pai, o ex-lateral-direito Amaral, que defendeu o Guarani, a Ponte Preta e o Paulista de Jundiaí. Outro ponto em comum é o fato de terem iniciado a carreira na posição de volante, sendo posteriormente recuados para a função atual.

“No juvenil da Ponte Preta, que foi o primeiro clube em que joguei como profissional, o treinador me pôs na defesa por causa da altura”, afirma o são-paulino, negando uma possível influência do irmão nessa decisão. “É apenas coincidência. Mas, claro, sempre me espelhei nele.” De acordo com ele, Luisão lhe dá muitas dicas. “Por ser mais velho, analisa meu futebol e também me passa um pouco de sua experiência.”

Curiosamente, os irmãos zagueiros ainda não se encontraram dentro das quatro linhas. Luisão e Alex Silva quase se enfrentaram quando Cruzeiro e Vitória, equipes em que respectivamente atuavam na época, cruzaram-se em setembro de 2003, durante o Campeonato Brasileiro. “Rolou um bafafá na semana anterior ao jogo. As pessoas diziam que eu iria marcá-lo em cobranças de escanteio e vice-versa”, relembra o atleta. O encontro só não ocorreu por uma incrível coincidência. Dois dias antes da partida, o então cruzeirense fechou contrato com o Benfica. E foi poupado.

**BOM OU RUIM?**

O parentesco com Luisão, que hoje é um dos melhores beques que atuam no futebol europeu, ainda é a principal referência que a imprensa e os torcedores têm de Alex Silva. No entanto, em vez de evitar associar o nome dele ao do irmão, como é mais comum, ele não tem problemas em ser reconhecido dessa maneira. “Sei que, enquanto não mostrar meu futebol no São Paulo, essa associação vai acontecer. O peso de ser irmão dele é muito grande, mas encaro com naturalidade. Só espero que, um dia, possa ser lembrado por meus próprios méritos.”

De maneira corajosa, Alex admite que, no início da carreira, ser irmão de um jogador nacionalmente reconhecido o ajudou. “Se, nos testes, está um garoto que é irmão do Luisão ou de outro jogador famoso, o treinador acaba prestando mais atenção em seu futebol. Mas, se você estiver dentro de campo e a bola bater na sua canela, não adianta nada”, pondera.

Esse não é, definitivamente, o caso dele. Afora as passagens pela seleção Sub-20, outra credencial importante que ostenta é o fato de ser classificado por Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo e conhecido por sua astúcia em descobrir jogadores, uma das grandes apostas da diretoria para o futuro.

Apesar de ainda não ter entrado em campo oficialmente com a camisa tricolor – no momento, é a sexta opção de Muricy para a posição –, o jogador sabe que oportunidades não lhe faltarão. “O treinador me coloca no banco quando algum zagueiro é suspenso ou se machuca. Espero que minha oportunidade possa chegar rápido, pois estou doido para dar mais trabalho ao técnico na hora de escalar o time.”

**TRAJETÓRIA**

Alex Silva começou aos 7 anos, em Amparo, na escolinha de futebol do Rio Branco de

Americana, onde seu pai estava trabalhando como treinador. Mais tarde, foi aprovado e ingressou nos juvenis da Ponte Preta. Em virtude da contusão de um zagueiro, rapidamente passou para a categoria júnior. Atrasos de salário fizeram-no seguir rumo ao Vitória da Bahia. Lá, permaneceu entre 2003 e 2005 – sem contar uma passagem por cinco meses pelo Rennes, da França, em 2004. Após a queda da equipe baiana para a Terceira Divisão do Brasileiro, ficou sem clube. Logo, entretanto, chegou ao São Paulo.

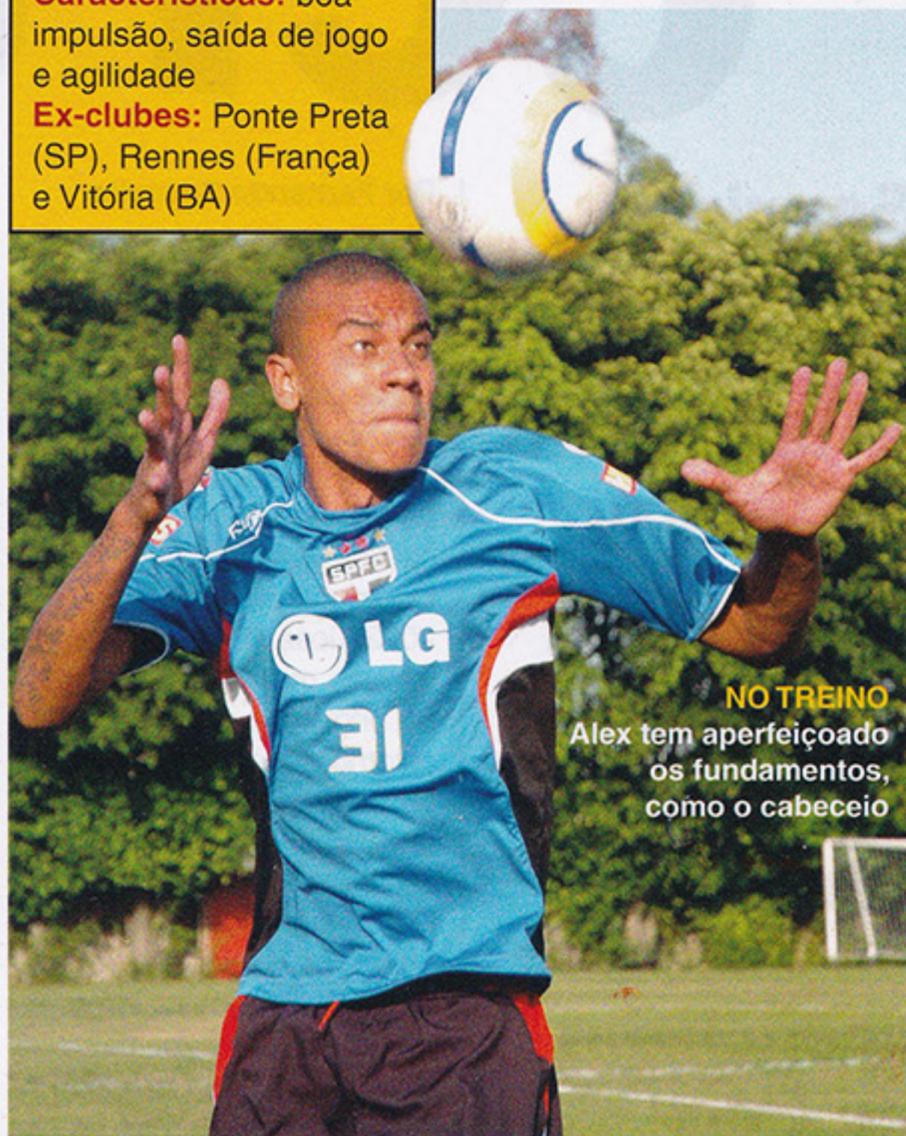
Inicialmente, o defensor foi ao Morumbi para se tratar de uma contusão no púbis que o vinha incomodando desde a estada no Rennes – inclusive,

foi o motivo alegado pelo clube francês para não prorrogar sua permanência. “Quando retornei ao Vitória, ia para o departamento médico, voltava a jogar, sentia de novo. Ao sair de lá, tinha proposta de outros clubes, mas preferi o São Paulo porque é grande, tem um excelente departamento de fisioterapia e se prontificou a fazer meu tratamento”, afirma. “Hoje, estou totalmente curado graças à competência de todos do clube.”

Após um mês no Reffis, Alex Silva voltou a treinar, ganhou três quilos de massa muscular a fim de ficar mais forte (atualmente, está com 80 kg) e, para ganhar ritmo de jogo, disputou a Taça São Paulo de Futebol Júnior deste ano. O Tricolor não passou da primeira fase, mas o beque foi eleito o destaque da equipe e entrou para a seleção dos melhores do torneio. Agora é torcer para, quando entrar em campo com a camisa são-paulina, o jogador mostrar que, na família de Luisão, há outro craque.

**ALEX SANDRO DA SILVA**

**Nascimento:** 10/03/1985  
**Local:** Amparo (SP)  
**Posição:** zagueiro (destro)  
**Altura:** 1,92m  
**Peso:** 80 kg  
**Características:** boa impulsão, saída de jogo e agilidade  
**Ex-clubes:** Ponte Preta (SP), Rennes (França) e Vitória (BA)



**NO TREINO**  
 Alex tem aperfeiçoado os fundamentos, como o cabeceio



# Tiro certo

**Seguindo a tradição de sempre estar atento ao futuro, agora o TRICOLOR do Morumbi muda o conceito de escolas licenciadas no País**

Por Fernando Savaglia

Atualmente, as 21 unidades existentes no Brasil, além de uma da Tailândia, são consideradas modelos a serem seguidos por clubes que pretendem investir no segmento. Apenas no Estado são 18 com a marca São Paulo Futebol Center. Coordenando o projeto desde 2002, José Roberto Calicchio garante que a filosofia adotada prioriza a qualidade. "Não estamos preocupados em abrir escolas, mas, sim, em seguir um padrão de excelência ligado à imagem do clube."

Em sua terceira passagem pelo São Paulo, o ex-preparador físico mostra larga experiência em trabalhar com divisões de base. Participou da comissão técnica responsável

pela Escola Vicente Ítalo Feola, inaugurada pelo Tricolor em 1975, que revelou, entre outros, o ponta-esquerda Zé Sergio e o centroavante Milton Cruz, auxiliar-técnico do treinador Muricy Ramalho, que também despontou para o futebol nas categorias menores do clube.

As escolas licenciadas contam hoje com seis mil garotos com idades que variam entre 5 e 15 anos. Eles recebem sólida formação educacional. Para chegar ao formato atual, apostou-se muito num direcionamento até então inédito no País: o de licenciamento em vez de franquia. "O Brasil ainda está engatinhando nesse aspecto. Não é simplesmente ter uma quadra soçaita e adquirir a marca", explica. "O licenciamento é uma parceria. Ou seja, o São

Paulo entra com o know-how e o proprietário, com a infra-estrutura", ressalta Paulo César da Cruz, supervisor do projeto.

#### APOIO

O Tricolor também investe no treinamento dos profissionais que administram as escolas, como proprietários, secretárias e coordenadores. "Nossos professores, todos os anos, passam por um curso de três dias conosco", diz Cruz. "Descobrimos, com o tempo, que não basta o profissional ser formado em educação física ou ser ex-jogador de futebol para realizar tal tarefa. Temos alguns ex-atletas dando aulas nas nossas escolas, mas eles foram atualizar-se em critérios técnicos, de planejamento, psicológicos e pedagógicos",

complementa Cruz.

Entre os principais frutos colhidos ao focar a qualidade das escolas, está a formação de torcedores. Afora isso, a coordenação promoveu uma aproximação de todas as unidades com o departamento de Futebol Amador do clube. Segundo Calicchio, o principal objetivo disso é proporcionar aos garotos uma atividade e desenvolver uma vivência no esporte. "Se ele vai se tornar profissional, é outra história", observa Calicchio, que emenda: "Ainda assim, é um caminho para o garoto ingressar em nossas equipes de base", pensa. "Hoje, temos 18 meninos federados oriundos das escolas e mais uns 32 que fazem parte do dente-de-leite do clube."

O núcleo comandado por Calicchio - que conta também com o auxiliar de avaliação Antonio Rodrigues, o "Toninho", ou-

**UNIDADES EM FUNCIONAMENTO NO BRASIL**

- Piloto (11) 5073-3343 / Curitiba (41) 3015-1300
- Osasco (11) 3683-0600 / Freguesia do Ó (11) 3931-1522
- Santo Amaro (11) 5687-6480 / Butantã (11) 37318262
- Cotia I (11) 4614-0201 / Cotia II (11) 4612-1618
- Sorocaba (15) 220-4448 / Guarulhos (11) 6442-7354
- Ribeirão Preto (16) 623-1715 / Jundiaí (11) 4816-3294
- Campinas (19) 3237-4777 / Indaiatuba (19) 3834-4642
- Taboão Da Serra (11) 4787-1476 / Santana I (11) 6971-1313
- Santana II (11) 6233-3333 / São J. Dos Campos (12) 3941-2330
- Santos (13) 3261-1810 / Unidade Mauá (11) 4513-3932
- Unidade Santo André (11) 4991-8765
- Unidade Brasília (61) 3347-9559 Ramal 224
- Unidade Campinas (19) 3237-4777 / Unidade Penha (11) 6193-8318

tro experiente profissional acostumado a trabalhar na formação de jovens atletas - promove anualmente a Copa São Paulo Futebol Center. Participam dela 2,4 mil jogadores de todas as escolas. "Em 2006, a competição será disputada em Brasília e contará com quatro categorias divididas por idade. O objetivo de promover esses eventos é a integração dessa garotada", aponta o coordenador.



***Ou você é bom de bola ou fica dono da bola.***

**Faça Marketing Champion. Isso é mais que um convite. É uma convocação.**

Atividades práticas ocorrerão no campo do São Paulo Futebol Clube, na cidade de São Paulo. As despesas de transporte e hospedagem já estão incluídas no valor do programa.

**MARKETING**  
*champion*

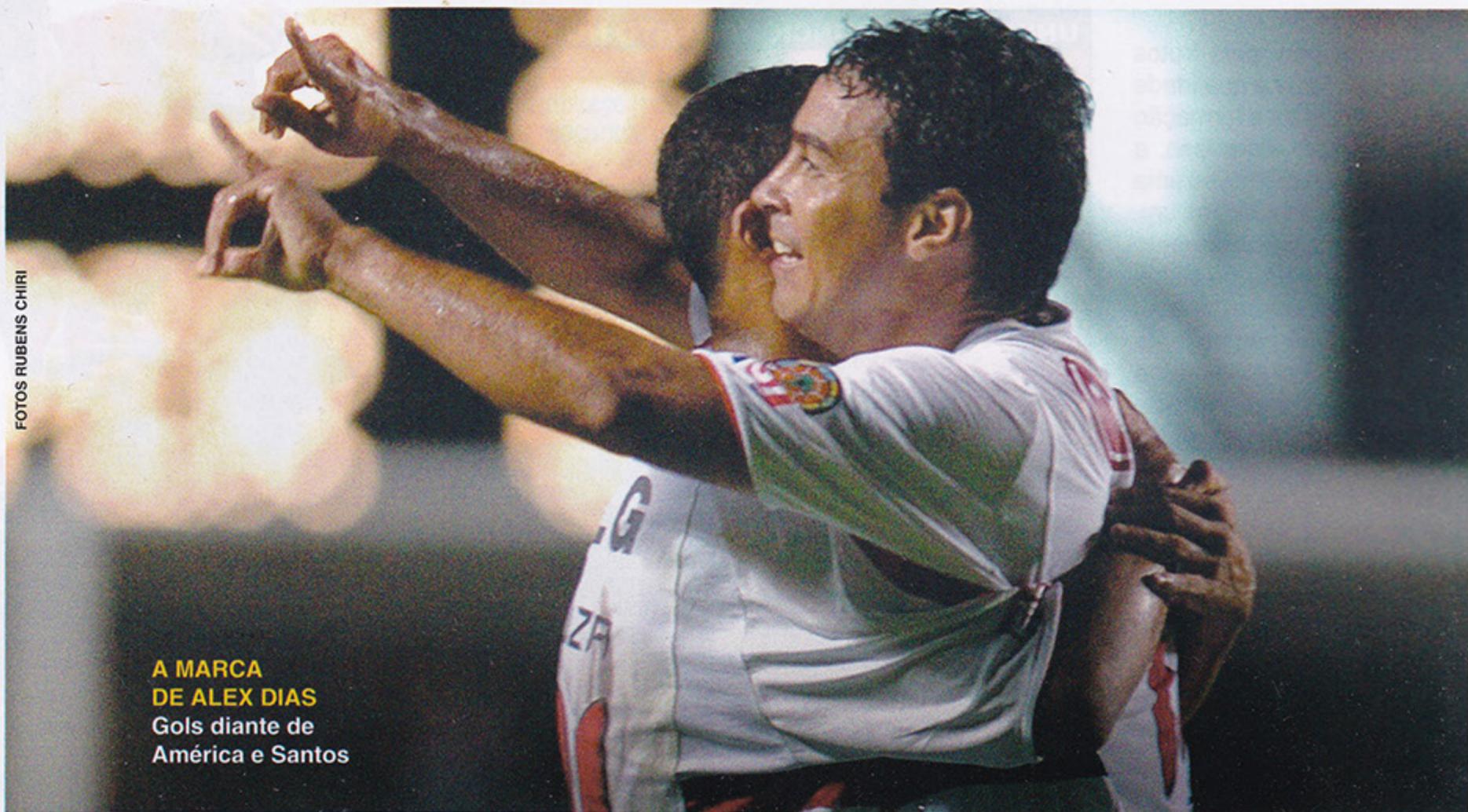
CURSO AVANÇADO em ADMINISTRAÇÃO e MARKETING do ESPORTE

- São Paulo
- Rio de Janeiro
- Porto Alegre



**ESPM**

www.espm.br



FOTOS RUBENS CHIRI

**A MARCA DE ALEX DIAS**  
Gols diante de América e Santos

**16° JOGO**

**RIO BRANCO 2 X 4 SÃO PAULO**

**RIO BRANCO** Marcelo Bonan; Jonathan, Júnior Paulista, Luiz Henrique e Vainer; Everton, Edimar (Edílson), Diogo (Ozéia) e Vander; Fabiano Gadelha (Julio César) e Nunes **Técnico:** Ruy Scarpino

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão (Alex Dias), Diego Lugano e André Dias; Leandro (Edcarlos), Mineiro, Josué, Danilo e Júnior (Fábio Santos); Thiago e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gols:** Fabão aos 22min, Fabiano Gadelha aos 31min e Nunes aos 42min do primeiro tempo; Leandro aos 7min, Thiago aos 9min e Rogério Ceni aos 49min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Jonathan, Marcelo Bonan, Nunes, Ozéia e Luiz Henrique; Fabão, Lugano, Mineiro, André Dias e Edcarlos **Cartão vermelho:** Júnior Paulista **Data:** 26/03 **Juiz:** Antônio Rogério Batista do Prado **Local:** Estádio Décio Vitta, Americana

**17° JOGO**

**SÃO PAULO 2 X 0 AMÉRICA**

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias (Alex Dias); Leandro, Mineiro (Denilson), Josué, Danilo e Júnior; Aloísio (Richarlyson) e Thiago **Técnico:** Muricy Ramalho

**AMÉRICA** André Zuba; Baggio, Carlinhos e Sérgio; Adriano Peixe, Luís Maranhão (Jeferson), Roger, João Paulo e Du; Danelinho e Chumbinho (Reginaldo) **Técnico:** Roberval Davino

**Gols:** Alex Dias aos 9min e aos 24min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Aloísio, Lugano, Richarlyson e Thiago; Roger, Du e Luís Maranhão **Cartão vermelho:** Du **Data:** 29/03 **Juiz:** Luís Marcelo Vicentin Cansian **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

**18° JOGO**

**SÃO PAULO 3 X 1 SANTOS**

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e Edcarlos (Alex Dias); Leandro (Richarlyson), Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Aloísio (Denilson) e Thiago **Técnico:** Muricy Ramalho

**SANTOS** Fábio Costa; Manzur, Domingos e Luiz Alberto; Fabinho, Maldonado, Cléber Santana, Léo Lima (Wendel) e Kléber; Magnum (Rodrigo Tabata) e Reinaldo (Geílson) **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo

**Gols:** Léo Lima (de pênalti) aos 25min e Rogério Ceni (de pênalti) aos 45min do primeiro tempo; Thiago aos 27min e Alex Dias aos 47min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Edcarlos, Fabão, Aloísio e Lugano; Maldonado, Luiz Alberto, Manzur, Domingos, Geílson e Fabinho **Cartão vermelho:** Luiz Alberto **Data:** 02/04 **Juiz:** Rodrigo Martins Cintra **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

**19° JOGO**

**ITUANO 0 X 2 SÃO PAULO**

**ITUANO** André Luiz; Ricardo Lopes, Adriano, Samuel e Kauê (Rodrigo); Pierre, Reginaldo, Juliano (Régis) e Paulo Santos (Cris); Gílson e Rômulo **Técnico:** Leandro Campos

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Edcarlos, Alex e André Dias; Souza, Mineiro, Josué (Denilson), Danilo e Júnior (Fábio Santos); Alex Dias e Thiago **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gols:** Thiago aos 2min e Rogério Ceni aos 4min do primeiro tempo **Cartões amarelos:** Pierre; Josué **Data:** 09/04 **Juiz:** Elcio Paschoal Borborema **Local:** Estádio João Paulo II, Mogi Mirim

## 4º JOGO

**SÃO PAULO 1 X 2 CHIVAS**

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e Edcarlos (Lima); Leandro (Alex Dias), Mineiro, Josué, Danilo e Júnior (Richarlyson); Thiago e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

**CHIVAS** Sánchez; Rodríguez, Reynoso e Salcido; Martínez, Araújo, Pineda, Morales (Medina) e Santana (Barera); Bautista (García) e Omar Bravo **Técnico:** José Manuel de La Torre

**Gols:** Aloísio aos 32min, Santana aos 44min do primeiro tempo; Martínez aos 34min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Mineiro; Salcido, Rodríguez, Omar Bravo, Pineda e Sánchez **Cartão vermelho:** Omar Bravo **Data:** 05/04 **Juiz:** Daniel Gimenez (ARG) **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

## 5º JOGO

**CIENCIANO 0 X 2 SÃO PAULO**

**CIENCIANO** Ibañez; De la Raza, Villalta, Lugo e Araújo (Salas); Bazalar, Torres (Roberto Silva), Ferrari e Fernandez; Ross e Mostto (Cahuantico) **Técnico:** Julio Cesar Uribe

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias; Souza, Mineiro (Ramalho), Josué, Danilo e Júnior (Richarlyson); Aloísio (Alex Dias) e Thiago **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gols:** Aloísio aos 21min e Mineiro aos 42min do primeiro tempo **Cartões amarelos:** Fabão, André Dias e Josué **Cartão vermelho:** Ferrari **Data:** 12/04 **Juiz:** Carlos Torres (PAR) **Local:** Estádio Inca Garcilaso de la Vega, Cuzco (Peru)

## 6º JOGO

**SÃO PAULO 2 X 0 CARACAS**

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão (Alex Dias), Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Thiago (Rodrigo Fabri) e Aloísio (Leandro) **Técnico:** Muricy Ramalho

**CARACAS** Toyo; Perez, Viscarrondo, Bustamante e Godoy; De Pablos, Luís Vera, Giovanni Perez e Guerra (Rojas); Casanova (Rouga) e Vargas (Serna) **Técnico:** Noel Sanvicente

**Gols:** Danilo aos 12min e Rogério Ceni aos 48min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Viscarrondo; Lugano **Cartão vermelho:** Bustamante **Data:** 20/04 **Juiz:** Jorge Larrionda (URU) **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

## 7º JOGO

**PALMEIRAS 1 X 1 SÃO PAULO**

**PALMEIRAS** Sérgio; Paulo Baier, Daniel (Thiago Gomes), Gamarra e Márcio Careca (Reinaldo); Marcinho Guerreiro, Correa, Wendel e Marcinho; Edmundo e Washington (Juninho) **Técnico:** Marcelo Vilar

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Thiago (Leandro) e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gols:** Aloísio aos 23min e Edmundo (de pênalti) aos 36min do primeiro tempo **Cartões amarelos:** Correa, Daniel, Edmundo e Marcinho; Danilo, Aloísio, Fabão e Mineiro **Data:** 26/04 **Juiz:** Carlos Eugênio Simon **Local:** Estádio do Parque Antártica, São Paulo

## 8º JOGO

**SÃO PAULO 2 X 1 PALMEIRAS**

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias; Souza, Josué, Mineiro, Danilo e Júnior (Edcarlos); Leandro e Aloísio (Thiago) **Técnico:** Muricy Ramalho

**PALMEIRAS** Sérgio; Paulo Baier, Thiago Gomes, Gamarra e Lúcio; Marcinho Guerreiro, Correa, Wendel (Ricardinho) e Marcinho (Cristian/Leonardo Silva); Edmundo e Washington **Técnico:** Marcelo Vilar

**Gols:** Aloísio aos 13min do primeiro tempo; Washington aos 12min e Rogério Ceni (de pênalti) aos 41min do segundo tempo **Cartões amarelos:** André Dias, Danilo, Aloísio, Lugano e Rogério Ceni; Washington, Paulo Baier, Marcinho Guerreiro e Thiago Gomes **Cartões vermelhos:** Leandro; Paulo Baier, Marcinho Guerreiro e Thiago Gomes **Data:** 03/05 **Juiz:** Wilson de Souza Mendonça **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo



## 9º JOGO

**ESTUDIANTES 1 X 0 SÃO PAULO**

**ESTUDIANTES** Herrera; Alvarez, Alayes, Daniel Cáceres e Nuñez (Carrusca); Gelabert (Galván), Braña, Huerta (Luguercio) e José Sosa; Pavone e Calderón **Técnico:** Jorge Burruchaga

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Aloísio e Alex Dias (Lenilson/Edcarlos) **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gol:** Alayes aos 41min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Braña; Rogério Ceni, Aloísio e Josué **Cartões vermelhos:** Pavone; André Dias e Lugano **Data:** 10/05 **Juiz:** Rubén Selman (CHI) **Local:** Estádio Centenário, Quilmes (ARG)



**SEGURANÇA**  
Ramalho manteve a qualidade do meio-de-campo contra o Alvinegro

**1º JOGO**

**SÃO PAULO 1 X 0 FLAMENGO**

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias; Souza (Ramalho), Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Aloísio (Alex Dias) e Thiago (Leandro) **Técnico:** Muricy Ramalho

**FLAMENGO** Diego; Leonardo Moura, Renato Silva, Fernando e André (Vinícius); Léo, Júnior, Jônatas e Renato; César Ramírez (Walter Minhoca) e Diego Silva (Obina) **Técnico:** Waldemar Lemos

**Gol:** Rogério Ceni (de pênalti) aos 31min do primeiro tempo **Cartões amarelos:** Souza e Júnior; Júnior, Diego, Jônatas e Renato **Data:** 16/04 **Juiz:** Paulo Henrique de Godoy Bezerra **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

**2º JOGO**

**FORTALEZA 1 X 0 SÃO PAULO**

**FORTALEZA** Maisena; Ivan, Alan, Glauber e Mazinho Lima; Dude, Rabicó, Igor e Bechara (Walter); Rinaldo (Telles) e Finazzi **Técnico:** Márcio Bittencourt

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e Edcarlos (Rodrigo Fabri); Leandro, Denilson (Alê), Ramalho, Lenílson e Fábio Santos; Lima (Aloísio) e Alex Dias **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gol:** Finazzi aos 19min do primeiro tempo **Cartões amarelos:** Rabicó e Dude; Leandro e Fabão **Data:** 23/04 **Juiz:** Willian Marcelo Souza Neri **Local:** Estádio Castelão, Fortaleza (CE)

**3º JOGO**

**SÃO PAULO 4 X 0 SANTA CRUZ**

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo (Lenílson) e Júnior (Fábio Santos); Alex Dias (Leandro) e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

**SANTA CRUZ** Gilmar; Osmar, Adriano, Valença e Xavier; Fernando Miguel (Fernando Pilar), Junior Maranhão, Zada e Rosembrick (Alex Oliveira); Carlinhos Bala e Val Baiano (Thiago Gentil) **Técnico:** Giba

**Gols:** Danilo aos 3min, Mineiro aos 6min, Leandro aos 16min e Rogério Ceni aos 30min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Aloísio e Josué; Osmar, Fernando Miguel, Val Baiano e Adriano **Cartão vermelho:** Júnior Maranhão **Data:** 29/04 **Juiz:** Domingos de Jesus Viana Filho **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

**4º JOGO**

**CORINTHIANS 1 X 3 SÃO PAULO**

**CORINTHIANS** Silvio Luiz; Coelho (Edson), Betão, Marcus Vinícius e Rubens Júnior; Marcelo Mattos, Mascherano, Carlos Alberto e Ricardinho (Roger); Tevez (Rosinei) e Nilmar **Técnico:** Ademar Braga

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias (Alex); Souza, Mineiro, Josué (Ramalho), Lenílson e Júnior; Aloísio (Alex Dias) e Leandro **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gols:** Nilmar aos 21min e Souza aos 39min do primeiro tempo; Alex Dias aos 24min e Lenílson aos 28min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Mascherano e Marcelo Mattos; Lenílson, Lugano, Fabão e Leandro **Cartão vermelho:** Carlos Alberto **Data:** 07/05 **Juiz:** Carlos Eugênio Simon **Local:** Estádio Benedito Teixeira, São José do Rio Preto (SP)

**5º JOGO**

**INTERNACIONAL 3 X 1 SÃO PAULO**

**INTERNACIONAL** Marcelo Boeck; Bolívar, Índio e Fabiano Eller; Elder Granja (Ceará), Edinho, Fabinho, Alex (Chiquinho) e Jorge Wagner; Rafael Sobis (Wellington Monteiro) e Rentería **Técnico:** Abel Braga

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué (Ramalho), Danilo (Ricardo Oliveira) e Júnior; Leandro e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gols:** Índio aos 13min do primeiro tempo; Aloísio aos 2min, Índio aos 8min e Rafael Sobis aos 15min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Elder Granja e Fabinho; Danilo, Aloísio, Leandro, Souza e Mineiro **Data:** 14/05 **Juiz:** Evandro Rogério Roman **Local:** Estádio Beira-Rio, Porto Alegre (RS)

**6º JOGO**

**SÃO PAULO 1 X 0 SÃO CAETANO**

**SÃO PAULO** Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias; Souza (Ramalho), Mineiro, Josué, Danilo (Lenílson) e Júnior; Ricardo Oliveira e Alex Dias **Técnico:** Muricy Ramalho

**SÃO CAETANO** Luiz; Thiago, Luisão e Gustavo; Anderson Lima, Zé Luís, Marabá (Preto), Élton (Leandro Lima) e Triguinho; Wellington Amorim (Fábio Luís) e Marcelinho **Técnico:** Nelsinho Batista

**Gol:** Alex Dias aos 37min do primeiro tempo **Cartões amarelos:** Fabão, Souza, Josué e Lugano; Gustavo, Wellington Amorim e Triguinho **Data:** 20/05 **Juiz:** Alício Pena Júnior **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

## 7º JOGO

### SÃO PAULO 4 X 1 PALMEIRAS

**SÃO PAULO** Bosco; André Dias, Lugano e Edcarlos; Leandro, Mineiro, Josué (Ramalho), Danilo e Júnior; Alex Dias e Ricardo Oliveira (Lenílson) **Técnico:** Muricy Ramalho

**PALMEIRAS** Sérgio; Ilsinho, Thiago Gomes, Leonardo Silva e Márcio Careca; Alceu, Francis, Wendel e Paulo Baier (Michael); Enílton e Muñoz (Washington) **Técnico:** Tite

**Gols:** Márcio Careca (contra) aos 5min e aos 39min do primeiro tempo; Ricardo Oliveira aos 7min e aos 11min e Alex Dias aos 37min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Leandro e Josué; Muñoz, Enílton e Wendel **Data:** 24/05 **Juiz:** Carlos Eugênio Simon **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

## 8º JOGO

### VASCO 1 X 1 SÃO PAULO

**VASCO** Cássio; Wagner Diniz, Fábio Braz, Jorge Luiz e Diego; Ygor, Andrade (Ives), Abedi e Moraes (Ernane); Edílson (Valdir Papel) e Faioli **Técnico:** Renato Gaúcho

**SÃO PAULO** Bosco; Fabão, André Dias e Lugano; Souza, Mineiro, Ramalho, Danilo (Leandro) e Richarlyson (Lúcio); Alex Dias e Ricardo Oliveira (Lenílson) **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gols:** Alex Dias aos 11min do primeiro tempo; Ygor aos 9min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Andrade; Ramalho e Lugano **Data:** 28/05 **Juiz:** Heber Roberto Lopes **Local:** Estádio de São Januário, Rio de Janeiro (RJ)

## 9º JOGO

### SÃO PAULO 1 X 0 FLUMINENSE

**SÃO PAULO** Bosco; Alex, Fabão e André Dias; Souza, Josué, Mineiro, Danilo (Lenílson) e Júnior; Alex Dias (Leandro) e Ricardo Oliveira (Thiago) **Técnico:** Muricy Ramalho

#### FLUMINENSE

Fernando Henrique; Gabriel Santos, Marcão e Roger; Radamés, Ângelo (Evando), Romeu (Jean), Juliano e Marcelo; Lenny (Alex) e Cláudio Pittbull **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

**Gol:** Souza aos 45min do primeiro tempo **Cartões amarelos:** Danilo, Alex e Fabão; Marcão, Radamés e Marcelo **Data:** 31/05 **Juiz:** Evandro Rogério Roman **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

## 10º JOGO

### JUVENTUDE 1 X 1 SÃO PAULO

**JUVENTUDE** André; Igor, Fabrício e Fábio Ferreira; Wellington, Renan, Walker (Marco Antonio), Marcel (Lauro) e Lino; Leandro (Éder Cecon) e Christian **Técnico:** Hélio dos Anjos

#### SÃO PAULO

Bosco; Fabão, Lugano e André Dias; Souza, Josué, Leandro (Edcarlos), Danilo e Júnior; Alex Dias (Thiago) e Ricardo Oliveira (Ramalho) **Técnico:** Muricy Ramalho

**Gols:** Eder Cecon aos 38min e Júnior aos 44min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Marcel, Fabrício e Lino; Júnior, André Dias, Fabão, Lugano, Souza, Edcarlos e Bosco **Cartões vermelhos:** Fabrício; André Dias e Fabão **Data:** 04/06 **Juiz:** Lourival Dias Lima Filho **Local:** Estádio Alfredo Jaconi, Caxias do Sul (RS)

## PROGRAMAÇÃO PARA DEPOIS DA COPA CAMPEONATO BRASILEIRO

12/07 – Grêmio - Morumbi  
15/07 – Figueirense – Morumbi  
23/07 – Ponte Preta – Fora  
30/07 – Santos – Morumbi  
06/08 – Botafogo-RJ - Fora  
13/08 – Goiás – Morumbi  
17/08 – Atlético-PR - Fora  
20/08 – Cruzeiro – Fora  
24/08 – Paraná Clube - Morumbi  
27/08 – Flamengo – Fora (**início do 2º turno**)  
30/08 – Fortaleza – Morumbi  
03/09 – Santa Cruz – PE - Fora  
10/09 – Corinthians – Morumbi  
17/09 – Internacional - Morumbi  
21/09 – São Caetano – Fora  
24/09 – Palmeiras – Fora  
05/10 – Vasco – Morumbi  
08/10 – Fluminense - Fora  
15/10 – Juventude - Morumbi  
22/10 – Grêmio - Fora  
28/10 – Figueirense - Fora  
02/11 – Ponte Preta – Morumbi  
05/11 – Santos – Fora  
09/11 – Botafogo-RJ - Morumbi  
12/11 – Goiás – Fora  
19/11 – Atlético-PR – Morumbi  
26/11 – Cruzeiro – Morumbi  
03/12 – Paraná Clube – Fora

## LIBERTADORES

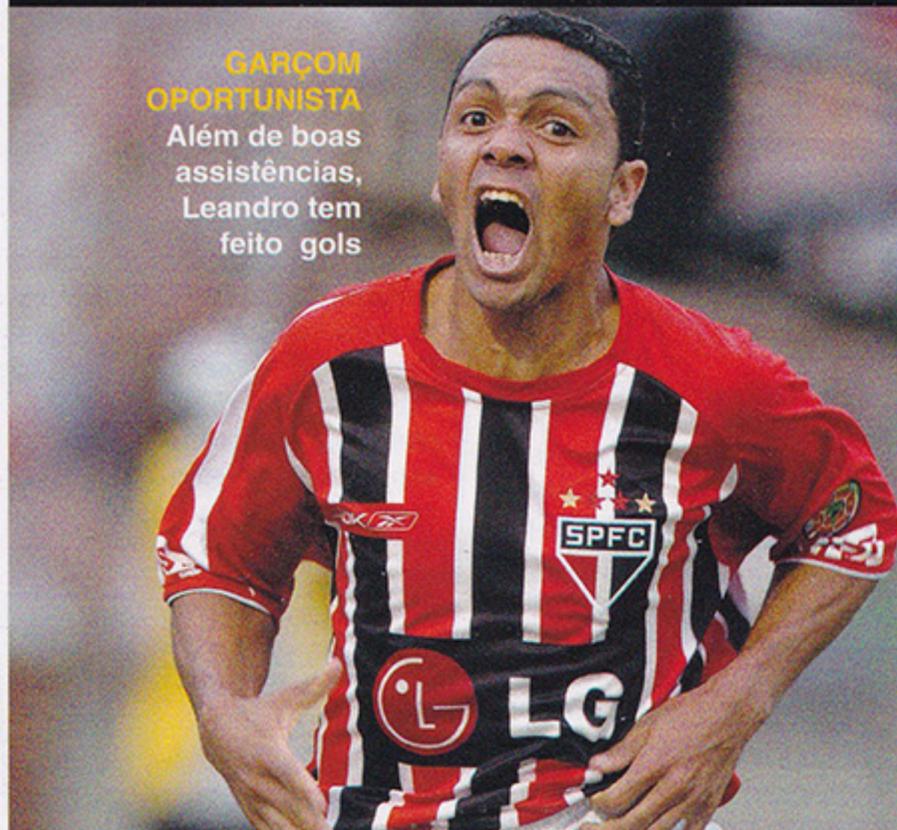
19/07 – Estudantes - Morumbi

## RECOPA SUL-AMERICANA

06/09 – Boca Juniors - Fora  
13/09 – Boca Juniors - Morumbi

### GARÇOM OPORTUNISTA

Além de boas assistências, Leandro tem feito gols



# São Paulo em busca do tri



Carlos Caboclo (à esq.) em dois momentos: felicitando Nicolás Leoz e durante o sorteio da Recopa Sul-Americana (ao lado)

No início de maio, a Conmebol divulgou as datas da Recopa Sul-Americana, que reúne os Campeões da Libertadores da América e da Sul-Americana de 2005. No dia 6 de setembro, o Boca Juniors enfrentará o São Paulo FC no La Bombonera, em Buenos Aires. O segundo duelo entre os campeões ocorre em 13 do mesmo mês, no Morumbi. Durante o sorteio, o Tricolor esteve representado por Carlos Caboclo, diretor de Relações Internacionais do clube, que aproveitou a oportunidade para cumprimentar Nicolás Leoz, presidente da Conmebol.



FOTOS ALFIERI PHOTO

## Crônica

O hino do SPFC, de autoria do General José Porphírio da Paz, passou, através dos tempos, por algumas alterações, feitas por ele próprio. Em 1942, Porphírio convidou vários segmentos esportivos para o lançamento do hino, no qual constava uma estrofe com a seguinte redação:

**Trazes glórias luminosas  
Do Paulistano Imortal  
Do Palmeiras também trazes  
Um brilho tradicional**

Ocorreu que o Palestra Itália, durante a 2ª Grande Guerra, com a nacionalização dos nomes de clubes esportivos originários de países do Eixo, alterou o dele para SE Palmeiras, fato que começou a suscitar muitas interpretações errôneas por causa da semelhança entre os nomes.

Para corrigir esse problema, mudou a estrofe que se referia a "Palmeiras" (AA Palmeiras, que fez fusão com o Paulistano, fun-

dando o São Paulo da Floresta - 1930/1935), substituindo a palavra por "Floresta", ficando a estrofe assim:

**Trazes glórias luminosas  
Do Paulistano Imortal  
Da Floresta também trazes  
Um brilho tradicional**

Entretanto, o vocábulo "Floresta" referia-se à região onde se localizava o SPFC juntamente com muitos outros clubes. Como não havia uma ligação mais estreita com todos, Porphírio alterou completamente a estrofe, substituindo-a por outra com a seguinte redação:

**Tuas cores gloriosas  
Despertam amor febril  
Pela terra bandeirante  
Honra e glória do Brasil**

Modificou também o estribilho, acrescentando o advérbio "já", ficando assim:

**Oh, Tricolor  
Clube bem-amado  
As tuas glórias  
Já vêm do passado**

Completamente modificado, em reunião do Egrégio Conselho Deliberativo, realizada em 29 de abril de 1966, Porphírio pediu licença para cantar o hino do São Paulo FC, com as alterações feitas, doando os direitos autorais ao clube. A veracidade desse fato verifica-se pela assinatura do general na lista de presença da citada reunião, bem como sua presença na posterior, que aprovou a referida ata.

A letra do hino, portanto, preservando-se o desejo de Porphírio, ficou assim:

**Salve o Tricolor Paulista  
Amado clube brasileiro  
Tu és forte, tu és grande  
Dentre os grandes és o primeiro**

**Coro: Oh, Tricolor  
Clube bem-amado  
As tuas glórias  
Já vêm do passado**

**São teus guias brasileiros  
Que te amam eternamente  
De São Paulo tens o nome  
Que ostentas dignamente**

**Coro: Oh, Tricolor...  
São Paulo, clube querido  
Tu tens o nosso amor  
Teu nome e tuas glórias  
Têm honra e resplendor**

**Coro: Oh, Tricolor...  
Tuas cores gloriosas  
Despertam amor febril  
Pela terra Bandeirante:  
Honra e Glória do Brasil**

**Coro: Oh, Tricolor...**



Agnelo Di Lorenzo é gerente do arquivo histórico do SPFC

# Olten Ayres de Abreu distribuiu autógrafos



Olten Ayres com Laudo Natel e Osmar Santos (da esq. à dir.)...



... e com Marcelo Portugal Gouvêa

FOTOS ARNALDO FIASCHI

Com a presença de mais de 350 pessoas entre familiares, amigos, personalidades do meio esportivo, políticos e dirigentes do São Paulo FC, o conselheiro vitalício Olten Ayres de Abreu lançou *A Saga de um Vencedor*, em 3 de abril, no Salão Nobre do clube são-paulino. Olten distribuiu autógrafos em sua compilação que traz fatos marcantes de sua vida como atleta, dirigente de futebol, advogado, professor de educação física, jornalista, treinador e árbitro. A primeira edição fez tanto sucesso que o livro está esgotado. O notório conselheiro são-paulino já está trabalhando em sua segunda obra, que deve ser lançada em breve.

## Tricolor na sexta colocação no ranking da IFFHS

Pelo ranking mundial de clubes da Federação Internacional de História e Estatística do Futebol (IFFHS), divulgado em 3 de maio, o São Paulo subiu duas posições e ocupa, agora, a sexta colocação com 266 pontos. O Liverpool, da Inglaterra, e a Inter de Milão, da Itália, lideram a lista com 337 pontos cada.

**Confira a classificação mundial de clubes:**

- |                                   |                                  |
|-----------------------------------|----------------------------------|
| 1.º Liverpool (ING) - 337 pontos  | 6.º <b>SÃO PAULO (BRA) - 266</b> |
| 1.º Inter de Milão (ITA) - 337    | 7.º Lyon (FRA) - 258             |
| 3.º Barcelona (ESP) - 278         | 8.º Internacional (BRA) - 253    |
| 4.º Roma (ITA) - 276              | 9.º Milan (ITA) - 252            |
| 5.º Bayern de Munique (ALE) - 274 | 10.º Arsenal (ING) - 243         |
|                                   | 10.º Rapid Bucarest (ROM) - 243  |

## Obrigado, Marcelo!

Quando este artigo estiver sendo publicado, no cantinho que há anos me é reservado nesta revista, que retrata, permanentemente, a história do nosso São Paulo FC, as eleições já terão ocorrido, objetivando a sucessão da presidência, vitoriosa do Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa.

Sempre foi muito feliz o São Paulo com os presidentes que foram eleitos, às vezes em renhidos pleitos no âmbito do Conselho Deliberativo, pois lá, apesar de todos os esforços de alguns, nunca, na verdade, deixamos de ter situação e oposição. Cada um que passou pela condução dos destinos do Tricolor teve, sem dúvida, atividades extremamente importantes em relação aos constantes progressos do clube, seja na área das conquistas futebolísticas, seja em termos de patrimônio. Claro, sempre houve - e sempre haverá - quem tenha feito restrições a este ou aquele primeiro mandatário da agremiação. Segundo meu ponto de vista pessoal, contudo, diria que quase todos foram ótimos presidentes. Cada qual com seu estilo de conduta, objetivos e conquistas. Uns mais, outros menos felizes.

Marcelo, entretanto, teve a felicidade incomum de, num mesmo ano, depois de um primeiro período de, digamos, arrumação da casa, conquistar tudo, em termos futebolísticos, que uma agremiação possa pretender. Foi campeão paulista, conquistou a Libertadores e o Mundial Interclubes. Façanha digna de registro. E, portanto, quando encerra o seu mandato, quando deixa o comando da nau são-paulina, como terá acontecido com tantos outros presidentes, que se agradeça a ótima administração, os feitos notórios no âmbito patrimonial e, claro, com ênfase para as glórias do futebol! Obrigado, Marcelo!



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes

# Morumbi recebe Show da Paz

Padre Marcelo Rossi e Rogério Ceni: arqueiros no espetáculo



FOTOS RUBENS CHIRI

Cerca de 70 mil pessoas compareceram ao Show da Paz – Unidos Venceremos a Violência, em 21 de abril, no Estádio do Morumbi. Comandado pelo Padre Marcelo Rossi, o evento contou com a participação de artistas e

personalidades, como Ivete Sangalo e Xuxa. Na ocasião, ocorreu uma partida de futebol entre jogadores e ex-atletas, da qual Rogério Ceni e padre Marcelo, que mostrou suas habilidades de goleiro, participaram.

# Sub-15 é campeão da Copa Nike

Depois de bater o Vitória (BA) por 1 a 0, no Centro de Treinamento do Pão de Açúcar, o São Paulo sagrou-se campeão da Copa Nike de Futebol Sub-15. O gol do título foi marcado por Oscar, camisa 10. O troféu garantiu ao Tricolor uma vaga no Mundial da categoria, que ocorrerá em agosto deste ano, na Inglaterra.

Para disputar o lugar mais alto do pódio com o Vitória, campeão da etapa do Rio de Janeiro, o São Paulo, comandado pelo técnico Paulo Sérgio Tognasini, venceu a fase paulista, na qual eliminou Corinthians, Palmeiras, Figueirense, Atlético-PR, Pão de Açúcar e Internacional.



Medalhas e troféu: mais um título para o SPFC

# Alegria de ser são-paulino

O sucesso da última gestão presidencial do São Paulo foi incontestável. Afinal, até então, apenas um presidente havia levado o time ao outro lado do mundo. Como são-paulino, pude fazer parte dessa nação vermelha, branca e preta que foi a Tóquio e que tomou o aeroporto internacional de Guarulhos em dezembro. A recepção aos heróis tricolores foi magnífica e algo nunca visto na história do futebol.

O ano de 2005 entrou para a história do clube e, indiscutivelmente, do Brasil. Num país onde o futebol é tido como principal personagem do lazer, o São Paulo Futebol Clube já tem seu lugar garantido, mesmo que os adversários não queiram reconhecer isso.

O tricampeonato na Libertadores e no Mundial Interclubes da FIFA fez do São Paulo o único clube brasileiro a figurar no ranking de melhores clubes do mundo de 2005! Ah, mas aí os palmeirenses vêm nos dizer que ficamos em décimo lugar e os corintianos que essa "lista" não conta muito. Claro que para eles não significa nada...

O reconhecimento vem em momentos em que menos se espera. Alguém esqueceu o momento mágico que viveu o pequenino Mineiro diante do gigante inglês Liverpool? O passe magistral de Aloísio matando a bola no peito e passando-a entre dois zagueiros daqueles que chegaram a Tóquio dizendo que eram imbatíveis? Pois, bem, nós tínhamos Mineiro, Aloísio, Júnior, Josué, Fabão, Edcarlos, Lugano, Danilo, Rogério Ceni, Cícinho e Amoroso. Um time forte que chegou ao Japão quase como zebra frente aos "favoritos" vermelhos ingleses.

Vencemos os jogos, vencemos o Paulista, a Libertadores e o Mundial Interclubes. Trabalhamos duro para chegar ao topo do pódio e, só para cutucar nossos adversários, para chegarmos entre os dez primeiros do ranking mundial de clubes.

Meu retorno à Presidência do Conselho Deliberativo veio num momento em que o time e sua parte social estão em boa fase. Isso porque com o trabalho árduo, honesto e íntegro, feito na gestão anterior, foi possível que o São Paulo Futebol Clube voltasse a mostrar que "és forte e tu és grande", e "entre os grandes és o primeiro".

Agora, juntamente com Juvenal Juvêncio, daremos continuidade a esse trabalho e esperamos conseguir os resultados de 2005, pois somos, como diz o hino, "teus guias brasileiros, que te amam eternamente".

Queremos que o São Paulo honre seu hino, sua torcida e continue a dar alegrias e mais alegrias aos torcedores. Perpetuar essa cultura são-paulina entre gerações e gerações é algo que somente um são-paulino pode conseguir. Consegui fazer de meus filhos são-paulinos e espero que meus netos também sejam... É isso que se espera do futuro: uma nação são-paulina que cresce a cada minuto. E, assim, o São Paulo nunca morrerá.



Ademar de Barros é membro vitalício do Conselho Deliberativo, membro nato do Conselho Consultivo e atual presidente do Conselho Deliberativo

Estude sem moderação.

UNIFIEO. Faculdade de verdade.  
Professores de verdade.

Vestibular de Inverno 2006 • Inscrições Abertas

**UNIFIEO** 0800 17 1967  
CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO www.unifio.br

a 5 minutos da USP

Na hora de escolher sua faculdade você faz o teste cego?



**LÚCIO  
CARLOS  
CAJUEIRO  
SOUZA**

**Nascimento:**  
20/06/1979  
**Local:** Recife (PE)  
**Posição:**  
lateral-esquerdo  
**Altura:** 1,74m  
**Peso:** 64 kg

# Reforço para a lateral- esquerda

Em 19 de maio, o lateral-esquerdo Lúcio, ex-Palmeiras, foi apresentado no CT da Barra Funda. Segundo ele, a passagem pelo Tricolor é mais um desafio em sua carreira. O atleta disse, porém, que está confortável com a camisa que vestiu diante de um batalhão de repórteres, fotógrafos e câmeras. "Vim para mostrar minha qualidade", explicou. "Acredito que o esquema em que o São Paulo joga pode beneficiar meu futebol", afirmou, referindo-se à cobertura que os volantes da equipe garantem quando os laterais avançam.

Lúcio revelou que o time comandado por Telê Santana no início dos anos 90 ficou marcado em sua memória. "Todo garoto que gostava de futebol ficava atento àquela equipe", comentou. "Meu sonho sempre foi jogar numa equipe grande e aqui posso dar continuidade ao meu trabalho." Para contar com o jogador, o Tricolor cedeu o atacante Roger ao Palmeiras. A estreia dele ocorreu na partida contra o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, em 28 de maio. O atleta jogou bem e, por pouco, não marcou. A atuação mereceu elogios da imprensa esportiva e de colegas.

Conheça

# Sundaco, o craque

Eurípedes Rufino da Silva, que ficou conhecido no futebol como Sundaco (*ao lado*), chegou ao São Paulo na década de 1960 trazido pelas mãos de um craque. "Estava jogando pelo Batatais, quando o Leônidas da Silva me viu e pediu minha contratação", disse o ex-volante, que integrou a delegação são-paulina na famosa excursão à Europa, em 1964. "Mal cheguei e já estava escalado para viajar. Jogamos contra os melhores times do Velho Continente e con-

quistamos o título do Torneio de Firenze de forma invicta."

Em sua passagem pelo São Paulo, atuou ao lado de Roberto Dias, Benê, De Sordi, Suly, Jurandyr, Bazani, Del Vecchio e Bellini. Pelé o considerou o jogador que melhor batia na bola nos anos 60. Sundaco encerrou a carreira no Grêmio de Maringá, em 1978. Em seguida, começou a trabalhar como técnico de futebol.

Recentemente, amputou uma das pernas por causa

de uma infecção generalizada. Com a ajuda de diretores do São Paulo que tiveram conhecimento do caso num encontro de ex-jogadores do clube, Sundaco foi atendido por médicos da Unicamp, de Campinas, que realizaram o pro-

cedimento cirúrgico. Atualmente, ele mora com a família em Jaguariúna, no interior de São Paulo.





# ELEGÂNCIA EM QUALQUER CAMPO.

COLLEZIONE PARAMOUNT  
E VIA VENETO PATROCINAM  
O SÃO PAULO F.C. NA  
LIBERTADORES DA AMÉRICA.  
É SHOW DE BOLA.

  
VIA VENETO

Collezione Paramount  




# Telê Santana

Depois do Ayrton Senna e do Garrincha, não me lembro de nenhum outro esportista brasileiro que tenha recebido tantas e tão comoventes homenagens durante seus funerais como o técnico Telê Santana.

Ele não era um piloto espetacular como o Senna, que fazia os brasileiros acordarem mais cedo ou aguardarem até de madrugada para terem a chance de aplaudir suas ultrapassagens monumentais nos autódromos do mundo.

Também não era aquele malabarista da bola, com seu jeito simples e humilde, que arrebatava a torcida nos campos de futebol com seu gingado e dribles espetaculares, como verdadeiro mágico, alegrando a vida, não apenas dos torcedores do Botafogo, mas de todo o Brasil.

Telê Santana não foi um futebolista de levantar as massas quando iniciou sua carreira jogando na pontadireita do Fluminense, do Rio de Janeiro, na década de 1950. Mas, com seu corpo franzino, sério e objetivo no seu modo de atuar, carregava consigo um apelido revelador de seu grande caráter: "Fio de Esperança".

Sua carreira vitoriosa, no entanto, foi construída numa profissão muito mais árdua, difícil e mal compreendida: técnico de futebol profissional. Pára-raios preferidos para dirigentes de clubes de futebol.

Telê Santana não era apontado apenas como profundo conhecedor de futebol, esporte favorito das massas nos quatro cantos do mundo, mas pela retidão do seu caráter, pela maneira de conduzir o seu trabalho, pela lisura de seu comportamento. Pregava a prática do jogo limpo,

bonito, artístico, sempre buscando o gol. Com ele, não havia esse negócio de "matar a jogada" ou intimidar os adversários com carrinhos ou botinadas.

Se não me engano, foi o único técnico da seleção brasileira convidado a dirigi-la novamente depois de perder uma Copa do Mundo. Isso ocorreu em 1982 e 1986. Seleções essas aplaudidas de pé até por nossos adversários e consideradas, ainda hoje, entre as melhores que o Brasil já teve.

Nos seus funerais, havia bandeiras de todos os clubes que defendeu, com destaque para a do Fluminense, seu primeiro time como jogador; a do Atlético Mineiro, com o qual chegou ao primeiro título brasileiro; e a do São Paulo Futebol Clube, pelo qual conquistou o mundo, com dois títulos da Copa Libertadores da América e dois troféus de Campeão Mundial Interclubes, além de muitos outros.

O Morumbi foi o palco onde Telê Santana encerrou com chave de ouro sua vitoriosa carreira de técnico de futebol.

Foi com o São Paulo que ele atirou para bem longe a fama de "pé-frio" que os torcedores brasileiros lhe atribuíram por não haver ganhado a Copa do Mundo como técnico da seleção nacional. Talvez por isso, diante de tantas bandeiras, não vissemos em destaque a do País. Mas o seu exemplo de comportamento ficará gravado para sempre na memória de todos os brasileiros.



Guaracy Sampaio

**SEJA VOCÊ  
TAMBÉM UM  
SÓCIO-TORCEDOR**



Rogério comemora seu gol no jogo SPFC 3 x 0 Mogi-Mirim - Arte: Igor Amorim - Foto: Rubens Chiri

**[www.sociotorcedor.com.br](http://www.sociotorcedor.com.br)**

**0800-120812**

Atend. Seg. à Sex. - 9h00 às 18h00



# O ZERO DO HABIB'S BAIXOU.

Foto ilustrativa. Preço sujeito a alteração sem prévio aviso. Somente nesta loja. Exceto Delivery.

AGORA É

**0,39**

CARNE

PREÇO BEM  
BRASIL.



**HABIB'S**



**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**  
**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO**  
**JOÃO FARAH**  
**2025**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**